

# A epopeia do trabalho

---

---

*LEGENDAS DE  
FERREIRA DE CASTRO  
DESENHOS DE  
ROBERTO NOBRE*



LIVRARIA RENASCENÇA  
J. CARDOSO — LISBOA

Shi



A EPOPEIA DO TRABALHO

## OBRAS DE FERREIRA DE CASTRO <sup>(1)</sup>

### PUBLICADAS:

- MAS... — Estudos literários e sociológicos e novelas. — Lisboa, 1922.
- CARNE FAMINTA — Novela. Ed. Hora Novelesca. — Lisboa, 1922.
- O EXITO FÁCIL — Novela. Ed. «Novela Sucesso.» Lisboa, 1923. (Traduzido para castelhano por José Andrés Vazquez). Ed. «La novela del dia». — 1924.
- SANGUE NEGRO — Novela. Ed. «Biblioteca A Hora». — Lisboa, 1923.
- A BOCA DA ESFINGE — Novela (de colaboração com Eduardo Frias). Ed. Aillaud e Bertrand. — Lisboa, 1924.
- A METAMORFOSE — Novela. Ed. «Novela Contemporanea». — Lisboa, 1924.
- SENDAS DE LIRISMO E DE AMOR — Novelas. Ed. «Spartacus» — Lisboa, 1925.
- A MORTE REDIMIDA — Novela. Ed. Livraria Civilização — Porto, 1925.
- A PEREGRINA DO MUNDO NOVO — Novela, Ed. «A. B. C.» — Lisboa, 1926.

---

(1) — Todas estas obras, exceptuando as três primeiras que se encontram esgotadas, podem ser pedidas á Livraria Renascença.

FERREIRA DE CASTRO

---

---

# A EPOPEIA DO TRABALHO

DESENHOS DE  
ROBERTO NOBRE



LIVRARIA RENASCENÇA  
JOAQUIM CARDOSO, EDITOR  
27, RUA DOS POIAIS DE S. BENTO, 29  
— LISBOA —

DIREITOS RESERVADOS  
EM PORTUGAL E BRAZIL

Composto e impresso na  
IMPRESA BELEZA  
Rua da Rosa, 99 a 107  
— — LISBOA — —



# O TRABALHO

*O trabalho... Devo-lhe as mais voluptuosas horas da minha vida. Horas de solidão, horas profundas, nas quais a alma sente melhor o vacuo panico da Eternidade. Horas em que tudo se sublimisa, como se extranho condão presidisse á ronda lenta dos ponteiros. Ha poalha luminosa, arcoirisada, oculta sob a película das minhas pupilas. E esqueço tudo que é mesquinho, inferior.*

*E a própria materia se torna abstracta.*

*Se me decapitassem nêsses momentos, talvez a minha cabeça não sentisse o golpe e fosse rolando com o seu mundo interior, com o seu sonho, com o seu dinamismo.*

*Só a sensibilidade vibra — e a alma se dessangra em torrente infindavel, que ora ruge, ora susurra...*

*Então todo o planeta está em mim — e com o planeta o Universo. E da minha secretaria o intimo olhar abrange as mais remotas e as mais futuras perspectivas — todas elas conduzidas ao presente, ao vivido instante do trabalho.*

*E só então o mundo é verdadeiramente*

*belo — só então a beleza revela os seus arcanos, desabrocha as suas pétalas.*

*Tambem devo ao trabalho horas de sofrimento sem volupia — horas em que não é voluptuoso sofrer.*

*São as horas que a vida impõe — e mais do que a vida uma sociedade inclemente e iníqua.*

*Horas excessivas, marcadas pelos relógios com diferentes intuitos.*

*Então o trabalho é sacrifício, é martírio — e a beleza entibia-se e as emoções cristalisam-se sobre intermináveis estepes.*

*Foge a volupia e vem a tristeza, a desolação.*

*Sentimos que não vivemos, sentimos que ha algo mais para além da secretaria, mas não poderemos chegar lá, não poderemos chegar! agrilhoados como estamos ao trabalho.*

*Num, o sublime; no outro, o desespero. Mas forçadamente ou voluntariamente, nós jámais deixamos de trabalhar. Mesmo quando a mão se paralisa em descanso, o cé-*



*rebro trabalha, trabalha sempre — porque e o único que não obedece à regulamentação das horas, o único que não conhece dias de férias.*

*Quem sabe se esse homem que se encontra imobilizado numa cadeira, não está realizando o formidável trabalho de descobrir dentro do velho mundo um mundo novo para a Humanidade?*

*Todos os trabalhos tendem a modificar-se, a perder seu character de duro esforço, a atenuarem-se em violência, em martirio. E muitos dêles desaparecerão. Ha um, porém, que é eterno, constante, inalteravel, que vem do berço do Homem e que acompanhal-o-ha ao túmulo — o trabalho do cérebro.*

*As verdadeiras horas de apoteose, horas épicas, grandiloquentes, já não são aquelas em que brilha o aço das espadas, mas sim o ferro dos grandes maquinismos, que fecunda novas energias, novas forças e cujo ruído é como uma orquestração da própria glória do Trabalho.*

*Só o trabalho é hoje verdadeiramente epo-*

*peico: nas oficinas, no ventre da terra, nas entranhas dos vapores, ou nos enormes esteleiros, em toda a parte onde há um dinamô, uma polia, um esforço e uma ideia, o trabalho representa a continuidade do homem, a civilização, a vitória sobre os mais rudes elementos. E tudo tumultúa, tudo estremece; ha palpitações que parecem estertores de monstros prehistóricos e movimentos que teem o ritmo duma doce sinfonia. E tudo vibra, tudo se agita e luta; o globo gira vertiginosamente, peja-se tanto de concepções e de realidades, que dir-se-ha prestes a explodir com ribombo formidavel.*

*E o homem vai marcando sob a egide dêsse trabalho assombroso, que é feito de dôr e de alegria, mas sempre triunfante e construtivo, extraordinarias horas de epopeia.*

*Hoje Homero teria de recrutar as suas legiões heroicas entre os que trabalham.*

*Os operarios são os verdadeiros heróis contemporâneos.*

*Os sarcofagos que guardam martires na*

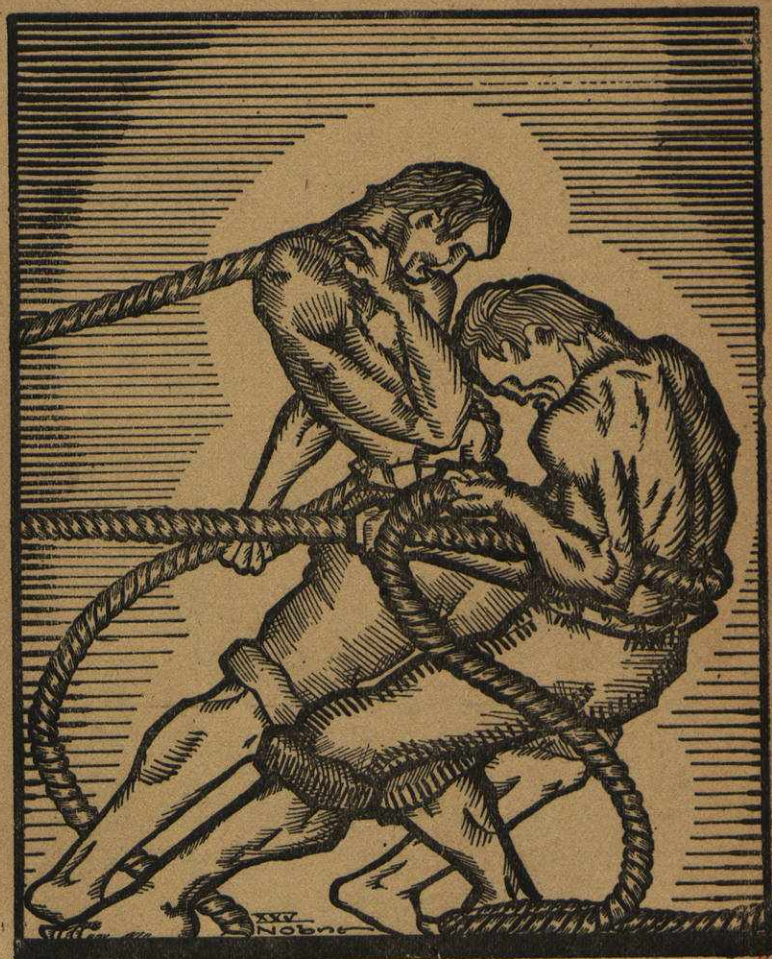
*silenciosa penumbra de velhos templos e os monumentos que perpetuam no rumor das praças públicas guerreiros pretéritos, não tem para a humanidade o valor simbólico, representativo, dessas modestas figuras que não permitem á terra ser uma montanha de escombros.*

*Algumas ficam emolduradas neste livro. Elas merecem legendas nos marmores, nos bronzes, nos pergaminhos — e por elas deviam os aeroplanos voar até mais alto, para lhes gravarem o nome, com letras incomensuráveis, na epiderme do firmamento.*

Maio, 1926.

Ferreira de Assis





# OS PESCADORES



## OS PESCADORES

**É** o mar a revolta milenária, a inquietude constante, que no seio de cada vaga vai rolando até às praias da Eternidade. E' o mar um prisioneiro da terra, mas a sua alma de rebelde não se resigna ao cárcere incomensurável e protesta e rug e brame no silêncio de tôdas as noites e na noite de todos os séculos. O mar desconhece a resignação, os estados místicos, as lassidões fatais — êle é a própria alma da rebeldia e luta sempre, sempre, incansavelmente, para despedaçar os seus grilhões, as suas algemas eviternas. E crisa-se e ergue-se imponente em sua velha ira, fervendo em ódio antigo, espumando pretéritos desejos de vingança e libertação — e não perdoando, jàmais, jàmais, à terra que lhe serve de cárcere.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

Há muitos milhares de anos que o mar se encarna em dar um exemplo de revolta ao homem escravizado.

E por isso êle exige aos que lhe demandam a fúria legendária, em bateis tam frágeis que dir-se-hão faluas onde embarcam, para naufragar irremediavelmente, todos os fantasmas do Sonho, uma energia tam forte como aquela que encerram as suas ondas convulsas.

E os pescadores surgem assim como titans remotos, que igualam, já que não a podem dominar, a fôrça do mar. E fraternizam assim com o Eterno Revoltado, acabando por lhe conquistar a alma inquieta, que recolhem depois nas arcadas dos seus peitos robustos. E começam a viver a liberdade do mar, uma liberdade bravia, como tôda a liberdade primitiva. E deixam que em seus olhos se espelhe a ânsia do longínquo, da distância infinita, de que só o mar tem o condão. E o céu violáceo que sucede às tempestades parece-lhes um céu livre, sob cuja cúpula se pode navegar sempre para além, sempre mais para além, até se aportar ao continente da Li-



## A EPOPEIA DO TRABALHO

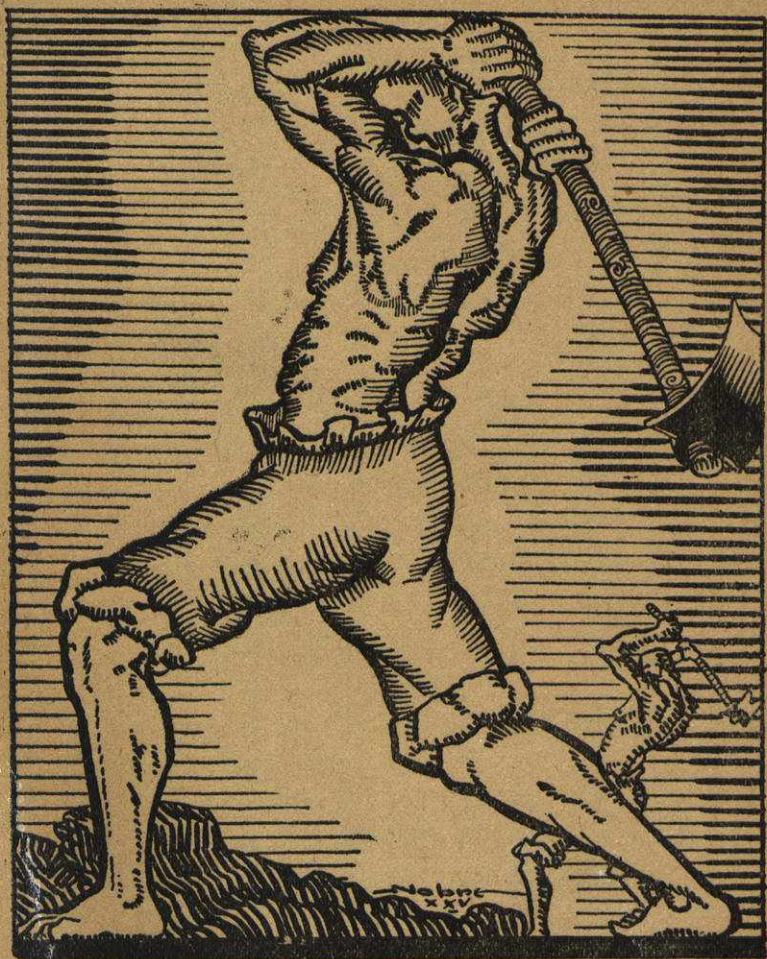
---

---

dade ilimitada. E lutam constantemente, infatigavelmente, perante a miragem fugidia que não quis deter-se ainda e que êles, sem a assinalar sequer, levam na alma, inoculada pelo mar. E chegam a odiar a terra que encarcerava o rebelde, que a êles próprios agrilhoa, essa terra a quem dão, pròdigamente, desdenhosamente, os seus esforços — e que é uma terra mártir e escravizada, onde florescem, regados por sangue humano, os juncos da tirania.

Mas um dia, o mar, que êles igualaram em bravura, abre seu seio profundo e sepulta-os, entoando um cântico surdo, fúnebre, um cântico de olvido e redenção. Exalta-os numa apoteose de ira, que é nele uma apoteose de ternura. E depois de lhes extrair a alma, que voejará sempre, como um fluido de energia e de revolta, sôbre tôdas as distâncias, sôbre as longitudes ilimitadas, êle arroja-lhes o corpo à terra — à terra desprezível que se sacia com os despojos da Liberdade.





# OS CAVADORES

2570017

## OS CAVADORES

**C**HOCALHAM ao longe os rebanhos madrugadores, o sol vai pulverizando a prata de invisíveis e fabulosos tesouros — e no silêncio da terra recém-acordada descerram-se as portas de humildes casais.

E os cavadores demandam o campo que dá o pão, o campo que dá a vida — essa vida rude e pulcra que parece decorrer em séculos já mui remotos.

E a enxada ergue-se num movimento de vigor e fecundação.

...E sob cada alvorada, a terra parece dilatar-se, como um ventre em cerimónia criadôra.

Os vérgéis despertam num longo espreguiçamento e na palma das fôlhas e no cálice das rosas, as gotas de orvalho dir-se-hão pérolas des-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

prendidas do colo negro da noite. Reboam as matinas, estremecem as primeiras asas — e ao fundo dos campos, entre seculares carvalhos e reverdecidos amieiros, vai-se tornando mais perceptível a sonata dos regatos.

E a epiderme rugosa da terra é lacerada, violada, para receber a semente que há-de germinar dessa cópula robusta, que nem do sol se esconde...

E o cavador encarna assim o destino da própria espécie — simbolizado no pão que há-de florir por cada gota de suor.

E' êle que encarna o bucolismo das paisagens geórgicas, é êle que sabe cantar as estrofes dessa epopeia de Energia que é a luta milenária do homem com a terra.

Seu tronco, crestado por todos os sóis, adquire a própria côr da terra — e com ela comunga, numa fraternidade que vae desde o berço ao túmulo, padroada por Ceres, em vasta alegoria mitológica.

O cavador detem o segrêdo do homem inicial, a felicidade e o sacrifício do homem primitivo,

## A EPOPEIA DO TRABALHO

e por isso os seus gestos, os seus movimentos, possuem algo de velho ritual — um ritual de força, de masculinidade, que parece querer dominar a terra que êle ama, em cada golpe que lhe dá.

E por isso os seus movimentos têm uma estranha beleza — não reproduzida nas máquinas que o Progresso inventou para lhe atenuar o sacrifício, mas que êle ao cabo e ao fim odeia, como a rivaes sem coração, como a inimigas sem alma.

E sorri ante os inventos dêsses homens que não conheceram a dolorosa volúpia de fecundar a terra — até que esta floresça numa primavera de veigas e vérgéis, cuja policromia o sol esmaltará à hora do crepúsculo.

E trabalha sêmpre, sempre, olhando com desconfiança para além da linha do horizonte — onde êle receia que a terra não seja amada como ali, como êle a ama, como a amaram seus pais e como a hão-de amar os seus filhos.

Seu corpo só procura a quietude quando se desprendem os últimos mantos da noite — e, então, no silêncio do velho casal, ao chegar-lhe

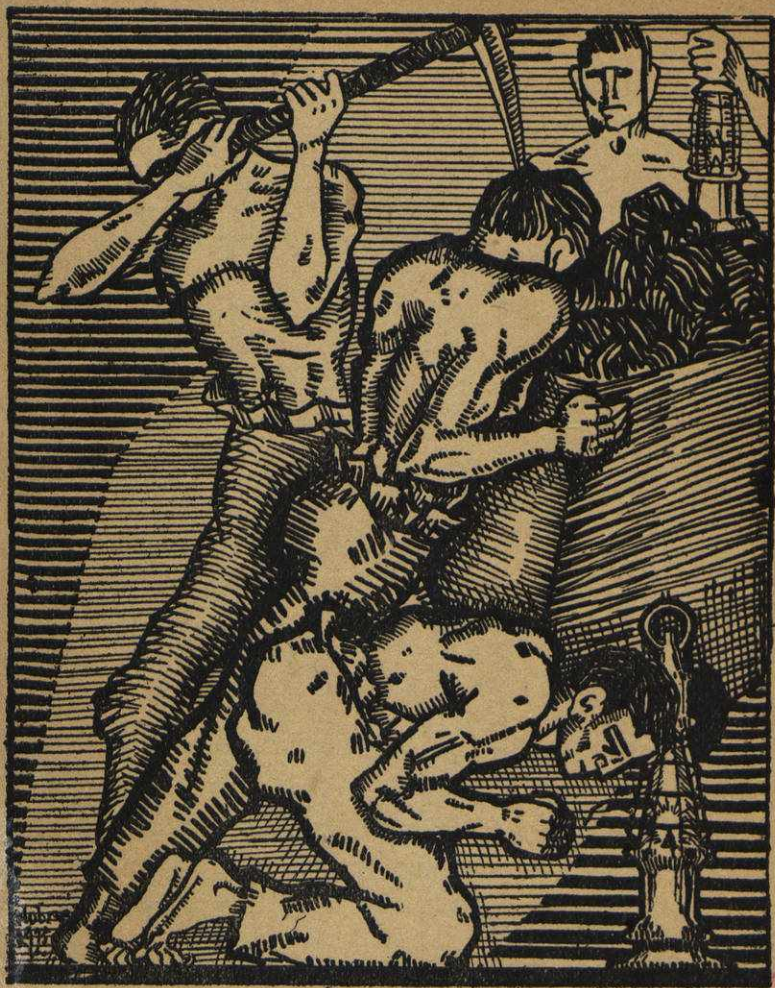
## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

de longe a notícia de que a humanidade luta para emancipar-se, êle, por instinto, afirmará com palavras ingênuas mas austeras, que tôda a emancipação partirá da fecundidade da terra e do trabalho que é o mais belo sacerdócio do homem.





# OS MINEIROS



## O S M I N E I R O S

**L**ACERAM-SE as entranhas da Terra e dêsse ventre fecundo surgem, sob os braços incansáveis dos mineiros, prodigiosas riquezas — fôrças que despertam enfim, depois do seu longo sono no regaço dos séculos, auras de metais que se tornarão incandescentes para engrinaldar o Progresso.

E' daí que vem êsse turbilhão epopeico que os complicados maquinismos cantarão depois, em ária triunfante, na penumbra das grandes fábricas, no seio dos grandes transatlânticos, na fornalha crepitante dos lestos comboios.

E o mineiro surge assim como um desbravador de segredos milenários — Sisifo que abandonou o dorso da montanha, para desta conhecer o pétreo coração. Vai mais além da profun-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

didade que lhe é concedida para sepultura — e leva com êle ao mundo das trevas os primeiros fachos de luz, numa peregrinação mefistofélica de energia e de luta.

E sob o seu poder, o granito fende-se, a rocha despedaça-se — abre-se a terra em alamedas sinistras, em abóbadas onde parecem ecoar os rugidos da morte.

E o ventre da terra chega a ser o estranho palácio dum senhor tenebroso, duma sombra satânica, que odeia o Sol e que só após muita luta consentiu que ao fundo dos seus trágicos corredores, das suas medonhas galerias, as pupilas de sangue dos faróis primitivos fôsem substituídas pelos seios em fogo das lâmpadas eléctricas.

E impassíveis ante a ameaça dos escombros, ante as exalações da morte, os mineiros continuam sua rude faina — heróis que não terão estátua, Hércules que não figurarão na mitologia.

De quando em quando, ao longe, ouve-se o ruído da catástrofe que se avizinha, sente-se o olor mortal adensando o ambiente — e todavia

## A EPOPEIA DO TRABALHO

os mineiros prosseguem sempre, negros o tronco e as mãos, os olhos e a frente, como se acabassem de destruir a própria alma das trevas.

Seu sacrifício é ignorado, mesmo quando no Inverno o carvão que êles arrancaram à terra ferace, amorna e enlanguesce as salas onde se ostentam corpos indolentes; seu destino é desconhecido, mesmo quando nos dedos de mulheres belas, esguios e pródigos de carícias, se mostram orgulhosos os diamantes que êles ajudaram a conquistar.

Todo o mundo contemporaneo, com sua alegoria mecânica, com as novas comodidades e confortos descobertos pela ciência, é animado e é consequência dêsse esforço anônimo que no seio da terra realizam os mineiros.

Êles na verdade só desceram às entranhas da terra para auscultar o coração dos vulcões...

São os dominadores de outro mundo e são também os párias desta terra que trilhamos — párias a quem está vedada quási tôda a vida, a contemplação das paisagens georgicas, do céu de anil, do cortejo dos astros.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

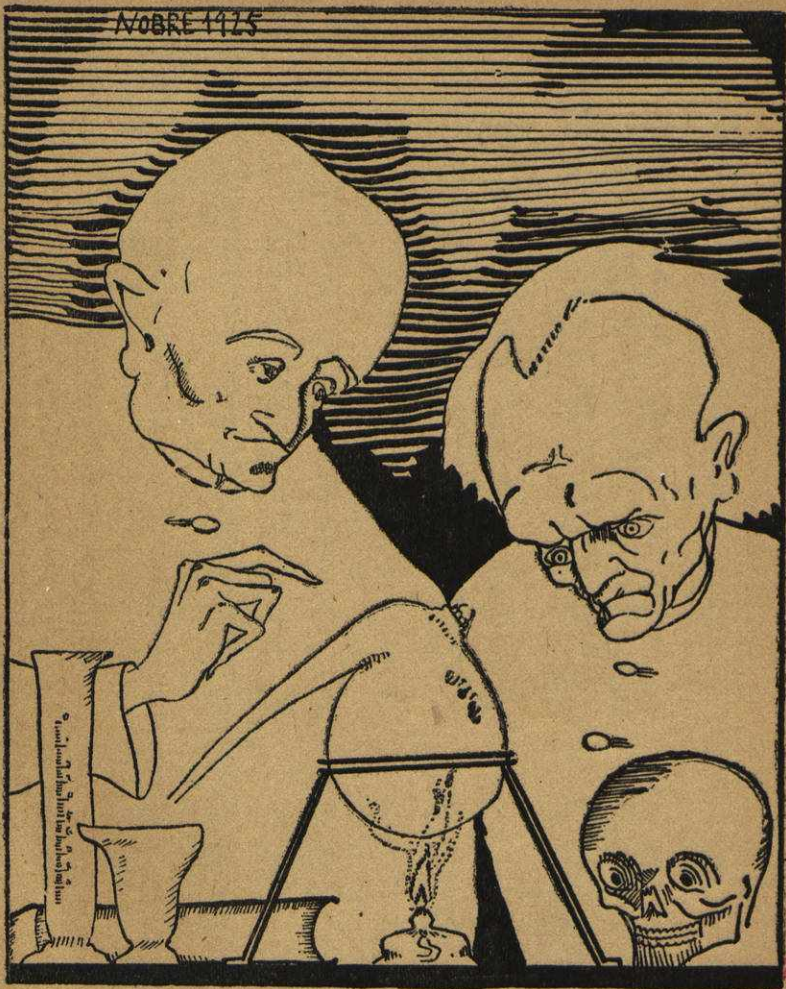
---

O ruído da vida exterior só chega até êles na na picareta que escava sempre, sempre, interminavelmente. A palpitação do mundo só é escutada lá em baixo como eco dum secular martírio — a que está sujeita a humanidade e a que êles estão sujeitos também.

E por isso, quando chega a hora do breve repouso e êles assomam á superfície da terra, seus olhos volvem-se com espanto para o Sol — e em seu assombro parecem até não o conhecer...

A vida roubou-lhes tudo, tudo, roubou-lhes até a própria luz, deixando-lhes apenas aquele longo rosário de trabalhos e sacrifícios que êles vão desafiando no silêncio da treva...

NOBRE 1975



O S S Á B I O S





# O S S Á B I O S

**S**ÃO os sábios as verdadeiras alavancas do Universo, os argonautas que cruzam todos os oceanos do mistério, para levar a flotilha da Verdade aos continentes onde só existia a Dúvida. E assim êles penetram os mais estranhos segredos da Natureza, despindo de suas galas a tudo que era fabuloso, levando o homem a dominar tôdas as fôrças, tôdas as energias universais.

Foram até aos astros e devassaram-nos; atraíram as estrêlas e estudaram-nas e encarceraram-nas dentro de pequenas lentes; enquadraram o firmamento na janela dum observatório e, um dia, a anciedade de ir sempre mais longe conduziu-os até deus, não para o adorarem, mas para o negár, para lhe destruir seu fatídico prestígio.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

E desde então o Universo foi pertença do homem — foi dominado pela inteligência humana, sempre inquieta, sempre anelando novos triunfos.

E os sábios jãmais descansam, — e são êles que rasgam constantemente novos horizontes, apagando as trevas e levando a luz ao próprio coração do Obscurantismo.

Estão em tôda a parte, e são êles os autênticos propulsores da Humanidade, os verdadeiros criadores dessa única religião digna de ter fiéis — que é a Ciência.

Nos laboratórios, sôbre as retortas, nos gabinetes onde se fecundam ideas novas, nas oficinas onde se dominam tôdas as energias, êles estão sempre meditativos, prescrutadores, como velhos alquimistas que querem honrar, aumentar e glorificar o legado que lhes foi deixado pelas gerações anteriores.

E laceram as entranhas da terra e conquistam o vácuo do céu e interceptam todos os sons e fazem palpitar o espaço e diminuem as distâncias e trocam os valores cronológicos, num desafio

## A EPOPEIA DO TRABALHO

à Eternidade — e quando o mundo assombrado os julga já exaustos, êles surgem trazendo uma nova revelação, uma nova descoberta...

E alheiam-se de ambições mesquinhas; seu espirito está sempre ausente de tudo que é vulgar — e vivem modestamente, a-pesar-de hospedarem no seu gabinete a todo o Universo...

Seu esforço é o maior entre todos, porque é o orientador de todos os outros — é aquele que procura redimir o homem, redimindo a vida, sem apelar para o funesto mito de deus.

São êles que assinalam e impulsionam a evolução da humanidade — que só se marca pelas conquistas realizadas no campo das ideas e da Sciência, conquistas que êles previram e levaram à consumação. Os séculos não se diferenciariam uns dos outros, o Tempo não teria seqüência, o mundo estagnaria, se não fôsse o trabalho dos sábios — êsse trabalho insano que vai além duma epopeia e que não encontra expressão bastante digna dêle em todos os dicionários.

Ante o seu estranho poder revelam-se todos os enigmas que atormentaram as épocas remotas

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

e surgem para a cerimónia da revelação outros mistérios cuja existência nunca fôra suspeitada; ante as pupilas agudas dos sábios tudo se desflora, rompem-se todos os véus, aniquilam-se todos os vetos, quebram-se todos os grilhões — e sob êsses destroços que o sol científico vai queimando, reduzindo a cinza, passam em cortejo deslumbrador novos génios, entoando um cântico triunfante.

Êles são os verdadeiros heróis, aqueles que não afrontam o heroísmo, pois enquanto os guerreiros, para conquistar uma cidade, sacrificam numerosos exércitos, êles conquistam o Universo sem derramar uma só gota de sangue. Todo o esforço dos sábios tende a elevar o seu semelhante e não a sacrificá-lo — êles integraram o homem num destino transcendente, êles enobreceram o homem, êles ergueram o homem mais acima de deus. E englobaram sob a mesma lente o Passado, o Presente e o Futuro — e por isso o grande livro da Eternidade é demasiadamente pequeno para nêle se escrever a história dêsse esforço incomensurável.



# OS FERREIROS



## O S F E R R E I R O S

**E**M seu rude labôr, duma bárbara beleza, os ferreiros dir-se-hão figuras duma apoteose mitológica. Seus trôncos robustos, de curvas adustas, parecem revivêr os músculos indômitos do antigo Hércules. E as pérolas do suor, queimando-lhes a epidérme, semelham lágrimas do próprio fôgo que êles dominam. E o ruído dos seus martélos, ao cairem sôbre a bigórna, parece repercutir-se, ecoar, nos cláustros da Eternidade. E' um esfôrço insânno o seu — e ao espalmarem o férro em brása, êles entram em plena alegoria mefistofélica.

O génio de Satan brota, num eflúvio incessante, da fôrja incansável. E o génio de Deus, como poder criador, grava-se nas suas mãos, calejadas pelas tenazes. E êles encarnam assim os

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

dois antigos mitos — encarnam para destruí-los sóbre a realidade que levam como homens, e que é inimiga de tôdas as abstracções. E na tênda rústica, onde palpita o fôgo, queimam-se essas duas fatalidades bíblicas, que são o Céu e o Inferno. E' ao vermos os ferreiros que compreendemos a afirmação racionalista de que não pôde existir outro inférno alem desse que a vida nos oferece e que êles representam com longo martirio.

O seu trabalho fulge de grandiosidade e fecunda ante scenários fabulózos. E' um trabalho milenário que persiste sempre — que vêm desde as lêndas remótas até às verdádes do nosso século e que parece ter criado sôbre a bigórna os olhos do primeiro dragão e o motôr dos últimos aéroplanos.

E' um trabalho quási anónimo e incompreendido e contudo é um dos mais assombrosos trabalhos. E' tam pleno de vitalidade, e de energia, que dir-se-ha animado ainda pela robustez das raças pretéritas. Na tênda dum ferreiro residem, como opulentos soberanos em rude cabana, as



## A EPOPEIA DO TRABALHO

coisas verdadeiramente belas que o mundo possui: — a íra dos vulcões, o fulgôr intênso dos ástros e o brilho suáve das estrêlas. Há fôrjas que com suas faúlhas, metem em quatro metros quadrados tôda a imensidade dum firmamento constelado. E dêsse firmamento é deus o ferreiro — um homem que verte ignoradamente, em demorado sacrificio, o seu suor e que nunca pensou em fundar uma religião, nem em pastorear um rebanho de escravos. E todavia êle detém o martélo e a bigórna, simbolos da única religião que, por ser emancipadora, merecerá os cânticos da nova humanidade — O Trabalho.





# AS COSTUREIRAS



## AS COSTUREIRAS

**É** um motivo romântico já mui cantado, o dessas costureiras que vão com mãos ágeis, nascidas para o afago, para a carícia subtil, realizando os enxovais que outras mulheres hão-de vestir, orgulhosamente, no dia nupcial, enquanto elas fenecem na penumbra do *atelier*, isoladas do amor e da própria luz da vida.

É um motivo mui romântico êsse, mas o romantismo consagrou motivos que ainda hoje persistem e outros que persistirão eternamente — e assim o drama das costureiras, tam humildes e tam ignoradas, existe ainda na nossa época com a mesma intensidade do tempo em que os discípulos de Lamartine iam desfolhando, no regaço da Glória, suas rosas mórbidas, seus lírios ditirâmicos.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

De manhã à noite, os dedos da costureira vão passando, num trabalho que parece uma carícia, mas que é um martírio, sobre os tecidos finos que seu corpo não poderá jàmais vestir, êsses tecidos brancos que encherão de pulcritude a quem os usar e êsses outros coloridos, leves, vaporosos, que têm «frous-frous» de volúpia e que dir-se-hão fabricados só para afagar, lentamente, requintadamentè, epidermes delicadas, que estremecerão sob êles, como sob uma brisa sensual.

A costureira, porém, jàmais os possuirá; êles passam por suas mãos sem se entregar, sem se deixar possuir; passam sòmente para adquirir novos encantos e se um dia ela se deixa fascinar por êles e também por essas joias que rebrilham em outros colos femininos, altivos e felizes, é certo que trocará o *atelier* por esse leito onde o amor se vende e perde sua dignidade, depois de ter transitado efêmeramente sobre braços ansiosos só de prazer.

E se não quer venalizar o seu amor, se não desejo mercantilizar o seu coração, ela tem de resi

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

gnar-se ao sombrio destino de viver tristemente, trabalhando sempre para que as outras mulheres ostentem e engrandçam sua beleza, enquanto a dela vai murchando ante essa agulha que é um instrumento de suplicio e que parece inventada para furar, vazando-os, aos olhos verdes de tôdas as esperanças, ou junto dessa máquina insensível que é movimentada a tôdas as horas com um pé martír — um pé que se sacrifica todos os dias, enquanto outros pés femininos usam sapatos pelos quais se bebe “champagne”.

É se um dia um braço masculino vai buscar a costureira ao seu *atelier*, para sôbre a sua fronte anónima colocar os diademas nupciais, ela terá ainda uma vida de sacrifício, agora ampliado pelas exigências do lar, para manter o qual não bastam os esforços do marido.

E terá de trabalhar ainda mais, de sacrificar-se mais ainda, pois cada filho exige um aumento de labôr e ante a máquina que agora está em sua casa, ela pensa saudosamente nesse tempo do *atelier*, em que com outras raparigas so-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

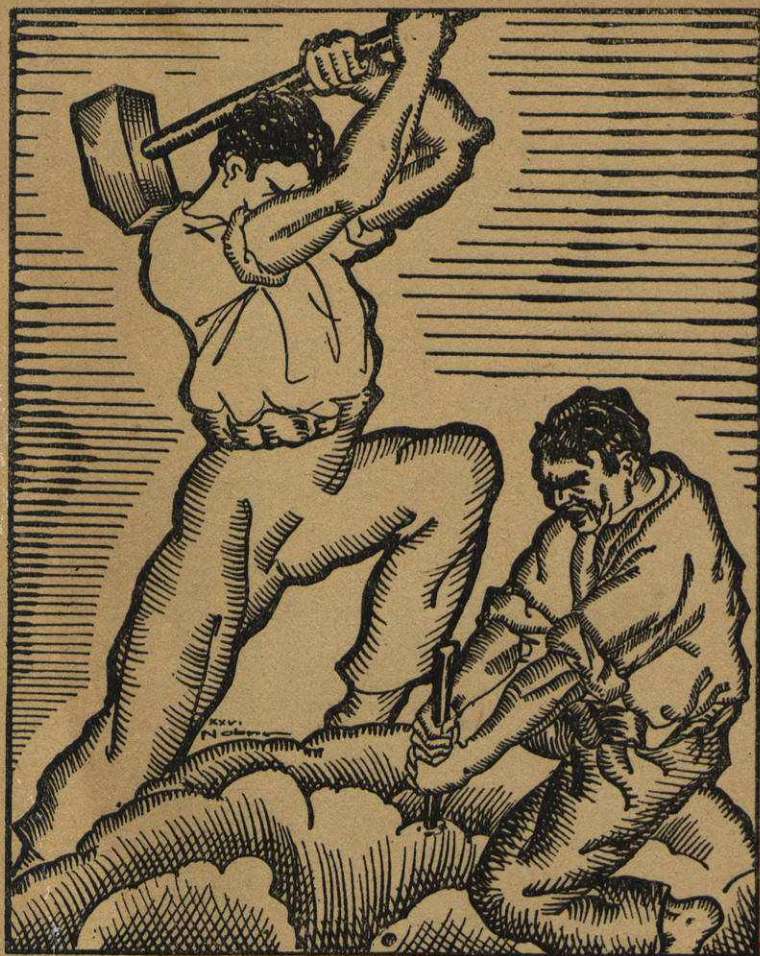
---

nhava um amor ideal, que a vida não lhe soube guardar; pensa nesse tempo que já se vai tornando longínquo e que agora lhe parece ditoso — e arrepende-se de não ter acendido também um fogareiro libertador...

E quando envelhece e sabe que algumas companheiras da juventude são nas esquinas da noite, farrapos humanos que já ninguém aluga, sua alma penumbra-se de angústia e é com tristeza, com mui funda tristeza, que ela vê passar, de regresso do *atelier*, essas outras raparigas que lá substituíram a sua geração e que caminham alegres, ostentando às vezes uma rosa — e levando sempre nos lábios um sorriso fascinador.

E a velha costureira, que também sorriu assim, contempla-as tristemente, porque sabe que debaixo daquele sorriso se oculta um drama — o seu drama, o drama das outras, o drama de tôdas. E talvez a sua alma se revolte...





# OS CABOUQUEIROS



## OS CABOUQUEIROS

**A**LGO como uma viscera da terra, o fígado ou o baço, que se houvesse congelado sob a neve dos seculos, são essas pedreiras que o esforço humano explora, utilizando-as em beneficio comum.

Dir-se-hão a má vontade do Genesis, ante a transformação gradual da materia. Silentes, alpidas e irremoviveis, perante elas a alma só encontra uma sensação de obtusidade, de teimosia—elemento terrivelmente concreto, cujo peso dir-se-ha obrigar o planeta a afundar-se no espaço, rompendo a lei da atracção.

Algo nelas ha de Eternidade e de Primitivismo—mas sem poder suggestivo, sem porta aberta para o sonho, para a evocação ou para a clarividencia. Se foi lodo, depurou-se; se foi lava,

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

arrefeceu; se foi desespero, erguido para a treva nas noites do Cáo, enregelou. Veio, porém, o homem, domesticador eterno de elementos, inquieto descobridor de valores, e da pedra fez berço e tecto, na penumbra das remotas cavernas.

Mas isso não bastava e o Eterno Insatisfeito deixou de submeter-se á pedra e obrigou a pedra a obedecer-lhe. E ela não mais foi irremovível: — ergueu muralhas e castelos, templos e palacios, tornando-se elemento constructivo ao serviço da Humanidade e da Civilização.

E a epiderme da terra foi lacerada, nela grandes chagas se fizeram — e o Homem, malho e broca empunhando, abriu largas fendas nas pedreiras e retirou enormes blocos de granito.

E quando a sua força não bastou, quando a pedra lhe resistiu, ele quedou-se um instante pensativo — e recorreu ao dinamite.

E nunca mais os braços robustos dos cabouqueiros se sentiram impotentes perante a grande massa fria e insensível. E de manhã à noite, em titanico esforço, eles vão despedaçando, retalhando, a materia bruta, já dominada.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

E' uma das mais agrestes, das mais violentas e terríveis profissões. Os musculos estendem-se, herculeos, e a marreta cae, monotonamente, interminavelmente... Tá... tá-tá... tá... tá...

E as gotas de suor tombam com um profundo sentido de irremediavel. A's veses a pedra cede á broca e o bloco destaca-se sem outra intervenção. Outras veses, porém, é necessário o dinamite e então os povos visinhos da pedreira, estremecem com o subito ribombar. E há sempre este estarrecedor pensamento: «Terão os cabouqueiros desaparecido, esmigalhados, triturados, desfeitos, entre o medonho fragôr?»

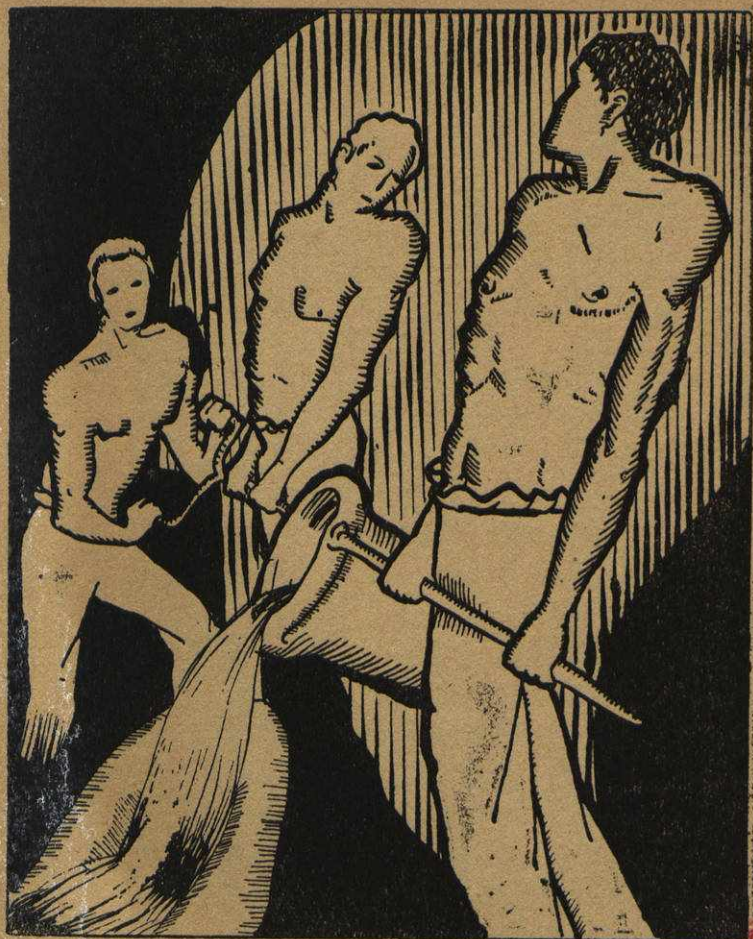
Quando já em exploração, as pedreiras tornam-se arrogantes, com as suas enormes arestas, com as suas pontas, com a sua brutal desformidade. E dir-se-hão uma ameaça constante, calada, algida, que aguarda impassivelmente o instante da implacavel execução.

Por vezes, lá em cima, onde há ainda uma crosta de terra, um pinheiro adolescente sussurra sob a brisa. Mas lá em baixo a cova vae-se ampliando, aumentando sempre, sob a alavanca e a di-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

namite: ha cascalho, blocos, pedregulhos por toda a parte; uns, abandonados e enegrecidos pelo tempo; outros, brancos, muito brancos ainda da extracção recente. E tudo isso é agudo, cortante; de curvas só há mancha vermelho-ocre da bilha com agua, pousada fóra do alcance dos estilhaços. E tudo aquilo golpeia-nos os nervos, a vista — e fere-nos só com a ideia de irmos até lá. E contudo lá estão, denodados, persistentes, os cabouqueiros — esses homens humildes a cujos braços incansaveis se devem todos os tectos onde se tem abrigado a maioria da humanidade atravez dos séculos.

Ah! Quanto sacrificio representam as grandes cidades, as vilas e as aldeias, os palacios monumentaes e orgulhosos, e as casas humildes erguidas á margem de solitarias estradas! Quanto sacrificio representa essa pedra que as mãos do homem têm vindo acumulando, dispondo, erguendo, pelo tempo afora!



# OS FUNDIDORES





## OS FUNDIDORES

**N**ESSA luz satânica das fundições, luz de mágica antiga, os fundidores recortam-se também como elementos mefistofélicos e seus passos e seus gestos dir-se-hão animados por um génio demoníaco, insaciável na vingança. As oficinas parecem um vulcão—e veias de vulcão são êsses sulcos por onde corre o sangue do monstro, que é o ferro derretido.

E os fundidores vão dum lado a outro, carregando essa lava vermelha, êsse sangue em fogo, que depois de coagulado nos moldes, há-de adquirir formas de beleza, linhas harmoniosas.

E parece que os fundidores estão num dos ciclos do inferno, estão condenados a um suplício eterno, no ciclo mais fundo, naquele até onde Dante não pôde chegar.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

Ambiente de tragédia, de estarecimento, é êsse que êles respiram — e temos sempre a impressão de que aquelas reprêsas de ferro derretido se vão abrir e virão cachoeirando por ali abaixo, envolvendo tudo, regougando terror e morte.

Mas os fundidores continuam tranqüilos em seu remoto martírio e o seu tronco tem sempre uma curva, está sempre abaülado, porque é ao tronco que estão presos êsses guindastes que conduzem os caldeirões de metal liquido — que são os braços.

E ao vê-los, não sabemos se entramos numa caverna mitológica ou se estamos em pleno pesadelo — tanto nos custa a acreditar na realidade daquelas vidas, na verdade daquele sacrifício.

E êles chegam a parecer escravos dum poderoso alquimista, subditos dum satânico senhor, que se empenha em descobrir a fórmula do ouro pela liga de muitos metais em fusão.

E trabalham sempre, alheios à sua própria tortura, suados, negros, fantasmagóricos, como duendes transitando em tenebroso labirinto, der-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

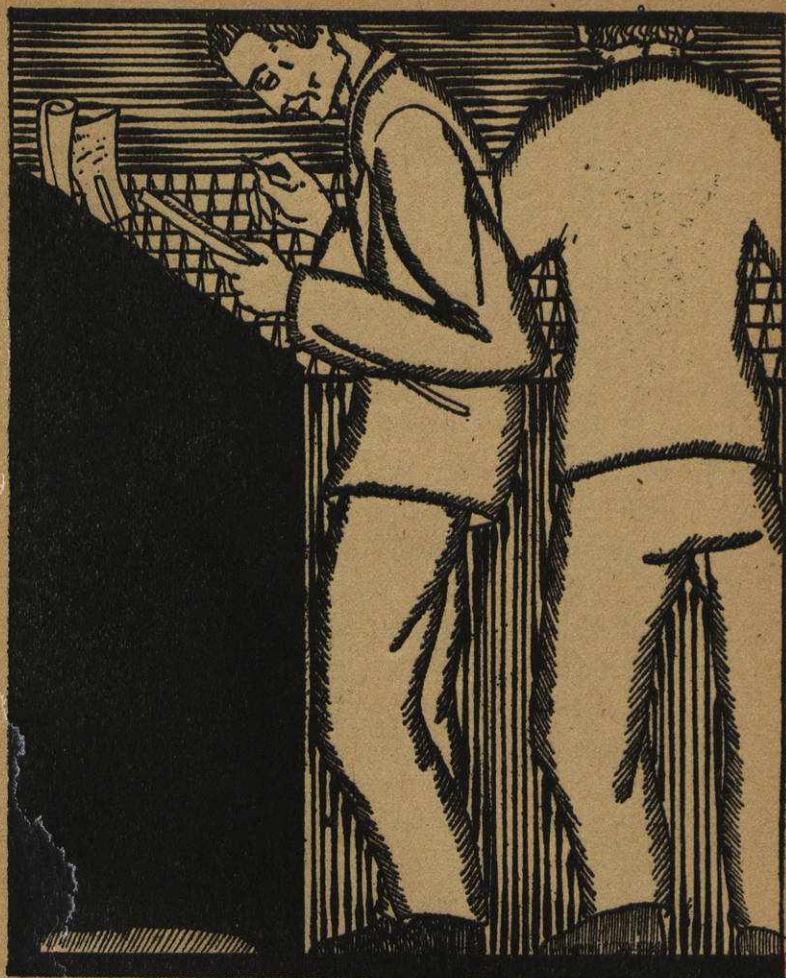
---

ramando sob as fauces do molde aquela massa ígnea, nessas oficinas aonde não soam ainda as sirenes do Progresso, nessas oficinas onde o braço do homem não foi substituído ainda pela máquina redentôra.

E' ao vermos essa profissão extranha que sentimos bem funda a revolta; a revolta que produzem os grandes martírios, os longos sacrifícios. Revoltamo-nos e sentimos a injustiça social ferir-nos, lacerar-nos, como uma grande serpente que se houvesse enroscado em nós, pois mentalmente cotejamos os homens que estão ali, entregues ao demorado suplício, com aqueles outros que vivem do trabalho deles e que talvez a essa mesma hora estadearão a sua fortuna em os todos tabernáculos do Prazer.

Eles estão no inferno, redimindo as culpas dos amos, para que estes possam gozar o Paraíso...





xxv

ΝΟΒΕΜΒΡΙΟΣ

# ΟΣ ΤΙΠÓΓΡΑΦΟΣ



## OS TIPÓGRAFOS

**S**ÃO os tipógrafos os detentores de tôdas as chaves do Alfabeto, são êles que detêm o segrêdo do princípio e do fim, segrêdo que remonta ao mundo lendario e que está condensado no Alfa e no Ómega.

E as suas mãos são como casulos, onde tôdas as idéas se transformam nessas libélulas inquietas que são as fôlhas de papel impresso e que vão, através do mundo, contagiando cérebros e recrutando almas.

E a sua cabeça é um grande arquivo dos vocábulos, decerto menos ordenado do que um dicionário, mas mais vasto do que êste, porque nela baila mais do que um idioma e porque ela não é, como o dicionário, insensível à música das palavras.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

E os seus olhos são como essas grades que se usavam nas decifrações dos hieroglifos; são olhos de paleógrafo, que decifram todos os caracteres caligráficos, desde a letra preciosa das poetisas, à letra emaranhada dos que escrevem muito, dos sábios e dos literatos, de todos que, absorvidos pelo pensamento, se alheiam das evoluções da pena através da estepe do papel em branco. E os seus ouvidos são como antenas que interceptam, quasi instintivamente, o ritmo dos vocábulos, a plástica da prosa e por isso, quando surge um inovador, que altera a música dos períodos, as provas vêm povoadas de «grá-lhas» e só depois do tipógrafo haver constatado que se trata verdadeiramente dum inovador, êle deixa de colocar as vírgulas convencionais e segue a nova melodia. E o seu espirito, sob o perene contacto com o pensamento dos que escrevem, enche-se de fulgor literario, mobila-se com todos os trofeus da cultura e é como êsses rios onde se lavam as areias auríferas e em cujo fundo ficam sempre resíduos preciosos.

E assim, muitas vezes, são mais ricos de sa-



## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

piência do que muitos dos que escrevem e então notam modestamente, sem desejos de se salientar, os erros dos originais que seus olhos vão seguindo ou disparam sôbre o escritor incipiente as flexas da ironia, porque sentem que o Alfabeto é afrontado por mediocridades mascaradas com os mantos raptados ao verdadeiro Valor — e êles, volvidos para o culto dos vocábulos, não podem chancelar sem desdem aquele ultraje. Outras vezes, sob a magia dessas fôlhas de papel escrito que encerram mundos ignorados de beleza e que êles decifram pacientemente, como se descobrissem o segrêdo dum tesouro remoto, sua sensibilidade enche-se de vibração, sua alma acorda para um novo rito — e demandam essas mesas anónimas sôbre as quais aos cérebros privilegiados é grato debruçarem-se, em meditação; essas mesas que são o cadafalso da vida prosaica, mas que são também o altar da vida espiritual, o altar da Literatura. E surgem-nos como poetas notáveis, como prosadores gloriosos, como jornalistas célebres, duplamente intelectualizados, porque antes da sua

## A EPOPEIA DO TRABALHO

pena traçar os signos do Alfabeto, suas mãos o acariciaram e por êle foram osculadas. E são muitos, formam legião, os intelectuais que, nimbados por autêntico valor, têm saído para a Celebridade, desde essas tipografias onde se fecunda a glória de tantos mediocres. Porque os tipógrafos são a-final os verdadeiros fecundadores da glória, são êles que mantêm, como uma lâmpada eterna, e que espalham, como um cortejo de estrêlas, o nome dos literatos e dos sábios, e que fazem êsse nome ecoar em todo o mundo, ser escutado por todos os ouvidos, ser lido por todos os olhos. São êles, com seu trabalho anónimo, os verdadeiros propulsores da Celebridade e da Glória, que eram difíceis e raras quando as suas mãos ainda não percorriam êsses favos de chumbo que são as caixas de tipo.

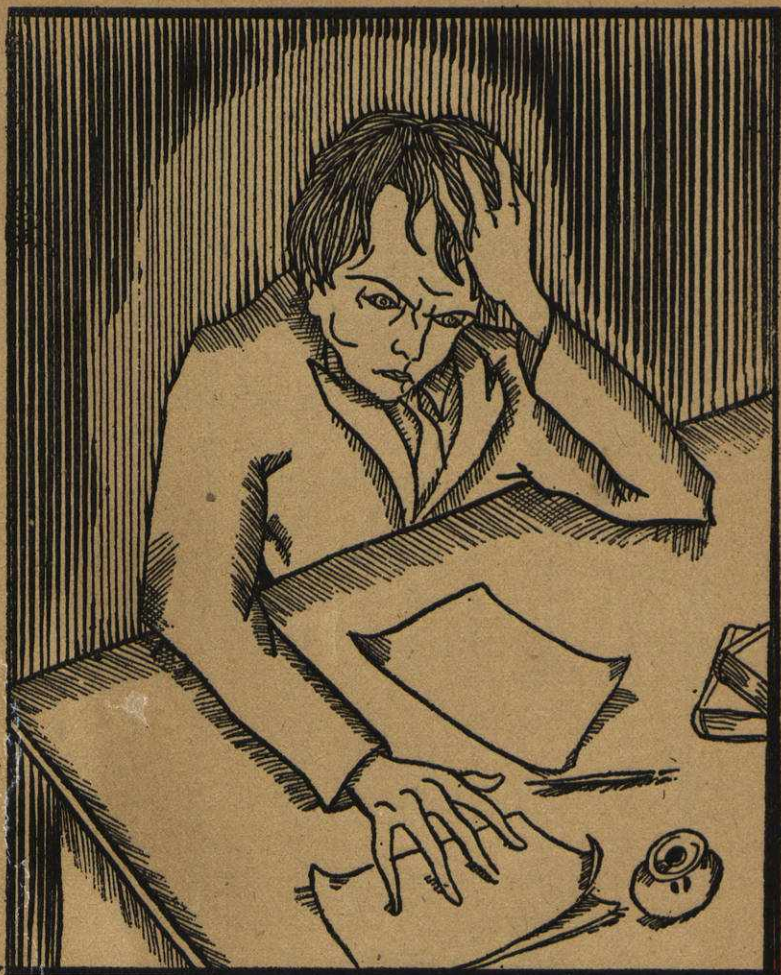
E os seus frágeis braços são alavancas da Civilização, pois é devido a êles, que fazem difundir e ser compreendidas, seguidas, ampliadas e aperfeiçoadas as teorias científicas, as invenções audaciosas, as descobertas surpreendentes, que os séculos que precederam a Gutenberg

## A EPOPEIA DO TRABALHO

valem mais para a humanidade do que tôdas as dezenas de séculos que a Gutenberg antecederam. E basta pensar no que seria o mundo contemporâneo se os sabios e os escritores não pudessem difundir as suas investigações e as suas criações mais além dos manuscritos, para se compreender a acção dos tipógrafos a dentro do Progresso — para se compreender o seu papel na epopeia do trabalho.

E os novos surtos, do Progresso são por êles sempre seguidos e assim as suas mãos vão perdendo êsse gesto de ave que pica uma romã negra, para se tornarem mais lestras, mais modernas, ao teclar as grandes «linotypes», as complicadas máquinas que vêm substituir o braço, no culto do Alfabeto. E trabalham, trabalham na penumbra das oficinas e ali são como sacerdotes do Génio Humano — até que a tuberculose, que é o nume de fatalidade da nobre profissão, lhes torne côm de marfim a parte das mãos que os tipos não enegreceram.





Nobne

125



# OS ESCRITORES



## OS ESCRITORES

**S**ÃO os escritores os argonautas de todos os mares convulsos da alma e os aeronautas de todos os céus tranqüilos da Beleza.

Eles são como espelhos onde a tragédia procura alinhar a sua cabeleira desgrenhada e as suas penas são como termómetros que marcam todos os graus da dôr humana. E adentro da Vida os escritores são maiores do que o mito de deus, porque êles não só desvendam a alma do Homem, como criam à margem da vida um homem mais perfeito do que aquele que a lenda afirma ter deus criado.

Foi de-certo sob a pena dum escritor que a alma humana encontrou a sua primeira expressão autêntica. E foi no caminho traçado por essa pena que a humanidade deu seus primeiros pas-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

sos para a Liberdade e para a Beleza. Eles são não só o porta-voz, mas sim os próprios geradores de tôdas as aspirações nobres.

O desejo de emancipação brotou do cérebro dum escritor. Foi na alma dos escritores que se acenderam os primeiros turíbulos da idealidade e só não se acenderão os últimos, porque toda a idealidade se renova mas nunca se extingue. E é ainda na alma dum escritor que vibram tôdas as antenas do sonho — do sonho que encarna e aproxima do homem tôdas as aspirações longínquas.

O escritor tem procurado corrigir a própria vida, criando um mundo novo dentro do mundo existente e integrando o homem na senda dos grandes ideais e na esteira da Perfeição.

E enquanto o Homem procurava fundir-se num destino miserável, os escritores lutavam e lutam por libertá-lo dos grilhões que êle próprio elegeu. O Homem criou Deus, para ter um amo, e os escritores ensinaram-lhe a aniquilar êsse mito fatal. O Homem criou os tiranos e os escritores indicaram-lhe o punhal que os devia



## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

abater. O Homem ergueu cárceres para o seu semelhante e os escritores apontaram o local por onde êles deviam ser desmoronados.

Há escritores que traem sua própria missão, traíndo a Liberdade; mas a Liberdade foi sempre uma obra dos escritores.

Eles são os sacerdotes do Verbo e sua palavra, como a de Exequiel, desce em anátemas exconjuradores de todos os Sinaís que aspiram a ser livres, para todos os povoados que se comprazem em ser escravos. É essa palavra traz sonoridades estranhas — ora ribomba como um vulcão em fúria, ora murmura como brisa melodiosa. E ecoa na alma do Homem e levanta-o, ou para ele extasiar-se ante a Beleza, ou para marchar ao encontro da Emancipação. Mas o escritor não se detém ante qualquer triunfo: — está sempre abraçado a novas ideias e a sua alma, cheia de inquietude, torturada pela ânsia de inéditismo, deseja ir mais longe, sempre mais longe.

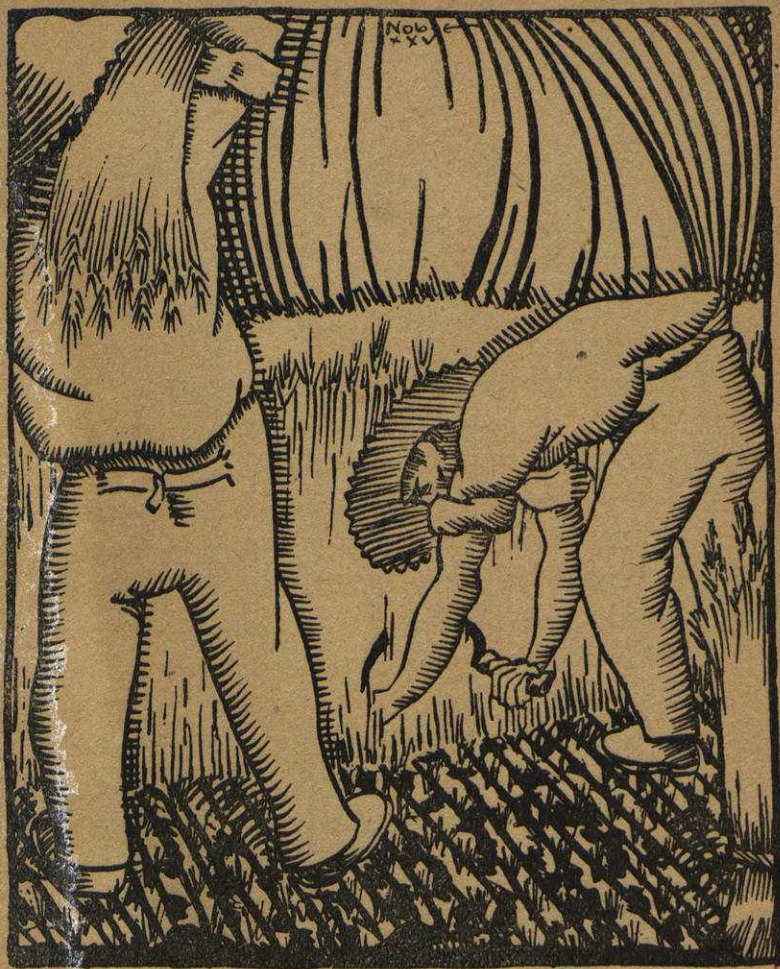
Eternamente insatisfeito, vai criando sempre novos modelos para a vida. E é êle que impulsiona os constantes movimentos que a vida

## A EPOPEIA DO TRABALHO

faz para a vanguarda. Ilumina o mundo, como um sol; é subtil como um perfume e agiganta os detalhes infimos, como uma lupa. E abrange, como nenhum outro artista, tôda a Arte, porque êle encarna a alma do poeta, o ritmo da música, a plástica da escultura, e a sua pena pode fixar a côr e a luz dos pintores—a sua pena pode reunir e sugerir tôdas as manifestações da Beleza.

E trabalha sempre, sempre, infatigavelmente, e mesmo quando as suas mãos estão inertes o seu cérebro trabalha ainda, desentranhando novas concepções, em dinamismo alucinante, como se estivesse condenado a um suplicio eterno. E ao seu grande sonho de Beleza êle tudo sacrifica, olvidando-se da Miséria, que lhe ronda a casa como um fantasma, e esquecendo-se da Fome, que lhe vem cantar à porta a sua ária trágica.

Ele vive imerso na contemplação da sua alma, porque ali se reflecte tôda a alma da Humanidade e porque ali se fazem ouvir todos os sinos da Eternidade. E o escritor é assim como um grande farol erguido na costa do mundo, a indicar às naus do Homem a nova rota a seguir.



# OS CEIFEIROS



# O S E I F E I R O S

**E'** um oceano vegetal essa seara que ondeia sob tôdas as brisas...

Um oceano verde que se vai aloirando junto às praias do Estio...

E vem, então, o ceifeiro e sob o sol ardente lá vai cortando a seara, cortando-a sempre, de manhã à noite, desde o crepúsculo às matinas, até que o campo se desnude para uma desolada aridês.

E o trigo vai-se enfeixando, já sazonado, até se converter em pão — em pão, que é o motivo das grandes lutas humanas.

E da terra em brasa sobem para o firmamento cânticos dolentes, tristes e dolorosos cânticos de trabalho e sacrifício.

E sôbre o fogo dessa terra caem, sem o

## A EPOPEIA DO TRABALHO

poderem apagar, antes o tornando mais intenso, as bagas de suor que se desprendem da fronte do ceifeiro.

E a terra pródiga torna-se assim maldita, a terra que mantém a chama eterna da vida transforma-se em terra de martírio, sob a qual se projecta, angulosa, a sombra da expoliação.

Mas o ceifeiro está indiferente a tudo, volvido como se encontra para o trabalho — e lá vai segando o trigo, segando-o sempre, com o tronco vergado e coberto de pó, entre chamas ocultas, que se exalam da terra e do céu, como grandes áspides de víboras e que voejam em farrapos invisíveis, a tudo envolvendo.

E o ceifeiro canta, como se viesse entoando desde eras mui remotas églogas ao futuro — a êsses dias pósteros em que a terra será livre e o pão será de todos.

E olvida-se até do seu sacrifício e é uma sombra quási ajoelhada naquele mar loiro que ondeia sempre, mas que se deixa vencer pela foice lesta, como se esta fôsse um instrumento mágico.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

Muitas vezes o ceifeiro vem de longe, de terras mui distantes, vem sorvendo as agruras da ausência, a nostalgia do longínquo; vem como um romeiro para tomar parte no rito do Trabalho; vem para adorar à Natureza pródiga, cujos ovários se fecundam sempre, transformando-se em pão.

E só regressa à terra nativa quando termina essa festa bárbara, festa de sacrifício e de holocausto. E' o regresso do homem que cumpriu o seu destino perante a vida. O regresso daquele que não traíu a sua situação perante os seus semelhantes.

E a seára queda-se enfeixada, ocultando pela última vez os grãos de seus cachos; queda-se submissa, irremediavelmente submissa, ante a trituração que a aguarda, para depois demandar ignorados celeiros, donde irradiará ainda, sempre vigiada pelos expoliadores, até às casas humildes, onde o pão é uma necessidade e até às casas dos poderosos, onde é um luxo supérfluo...







# AS DACTILÓGRAFAS



## AS DACTILÓGRAFAS

... **E** suas mãos ágeis, nervosas e inquietas, vão tilitando sempre o teclado das maquinas...

E por vezes têm atitudes de mãos de pianista célebre, percorrendo num adejo de sonho artístico as teclas de marfim...

Mãos nascidas para fazerem exalar de nobres instrumentos revoadas de ritmos, elas estão sentenciadas a arrancar das máquinas apenas uma revoada de estrépitos...

Estrépitos da civilização, do génio mecânico, estrépitos pausados, regulados, despídos de música, como êsses que erram no ar, levando o alfabeto da T. S. F....

Todavia, as mãos das dactilógrafas, como se tivessem um poder sortilégio e desenhassem

## A EPOPEIA DO TRABALHO

mágicos gestos, conseguem dar a êsses escritórios penumbrosos, a êsses escritórios comerciais onde elas trabalham e onde a sua juventude vai fenecendo lentamente, uma graça e um encanto que êles até ali não tinham.

Em suas cadeiras, dobradas sôbre a máquina elas são lírios adolescentes debruçados desde, um solitário sôbre um signo misterioso.

E ao fim da tarde, quando as cortinas da noite vão-se cerrando lentamente sôbre a grande janela do dia, elas regressam a suas casas e de novo, à sua passagem, as ruas adquirem um encanto estranho. E os homens que as vêm passar, têm sempre para elas um olhar cupido, por vezes injusto, e um sorriso de tentação, por vezes indigno.

E elas parecem descuidadas, alheias aos sacrifícios da vida, e contudo de suas mãos esguias, nervosas, delicadas, depende quási sempre o pão dum velho pai, que já não pode trabalhar...

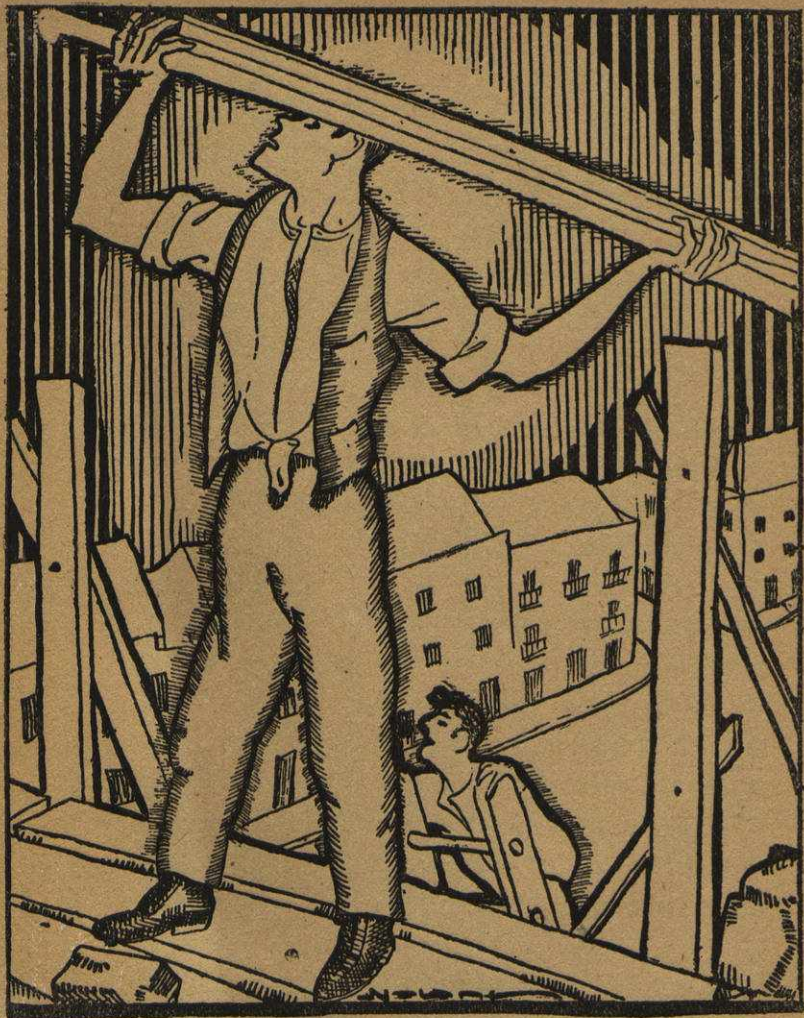
E elas dulcificam a aridês do meio, emprestando-lhe sua beleza, sua mocidade, tornando-o alacre, moderno, digno da nossa época.

## A EPOPEIA DO TRABALHO

São bem um elemento da nossa época, um símbolo da emancipação feminina, dessa emancipação que só principiou a dar-se como triunfo do espírito contemporaneo, que para elas está sintetizado na máquina de escrever.

E de manhã elas povoam as ruas, a caminho dos escritórios; e as ruas tornam-se sedutoras sob êsses bandos gentis que as cruzam, bandos rumorosos que parecem conduzir, ocultas nos lábios, as palavras que hão-de eglogar a morte dos preconceitos.





# OS CONSTRUTORES





## OS CONSTRUTORES

**P**OUCO a pouco, da terra rasa, se vão erguendo para a quietude do céu êsses edifícios que hão-de ser como um templo da família — um tecto hospitaleiro, um tecto do amor e da vida.

As cidades alargam seu âmbito, as ruas tornam-se monumentais, as fachadas orgulhosas ostentam-se por tôda a parte e nas próprias aldeias romotas surge, de quando em quando, a mancha dum prédio novo. Mas de quem realiza êsse trabalho só se sabem notícias quando os jornais narram a morte dum construtor que se despenhou dum andaime — alto, muito alto, como um trapézio da morte.

E logo o episódio se olvida e os construtores lá continuam, acumulando pedra em cima

## A EPOPEIA DO TRABALHO

de pedra, sempre debruçados sôbre o perigo, como um homem que caminha sôbre uma corda.

Êles não representam, não tiram efeitos dramáticos de sua profissão e por vezes até os seus passos nas alturas têm a segurança de passos em terra firme; contudo nós vemo-los sempre como extraordinários equilibristas, como homens que vão andando sôbre as escarpas que rodeiam as fauces dos abismos.

E quási desaparecem aos olhos dos transeúntes, escondidos como estão dentro dos andaimes — dêsses andaimes que com suas tábuas cruzadas parecem cheios de molas ocultas, para se encolherem até ao chão e para se distenderem até ao firmamento. E as próprias pernas dos serventes, quando estes elevam até aos pedreiros o barro que há-de ser como um sêlo das pedras, dir-se-hão possuídas do mesmo prestígio mecânico, distendendo-se e encolhendo-se e formando ângulos, ao longo da frágil escada.

Mas os transeuntes vêm apenas os andaimes e essa cal que cá em baixo está pronta a argamassar-se e que amontoada parece o Vesúvio

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

apagado e reduzido a miniatura. Os transeúntes só vêm os andaimes, porque estes quebram a euritmia das fachadas, mas nunca pensam nos que estão lá em cima e para os quais a rua, terra firme de tôda a gente, é como um pélago ou como uma sepultura.

E também os constructores, dêsse perigo se esquecem, familiarizados como estão com êle e parece até que se deleitam nessa embriaguez de azul que os rodeia — azul que está mais acima da terra, mui mais acima.

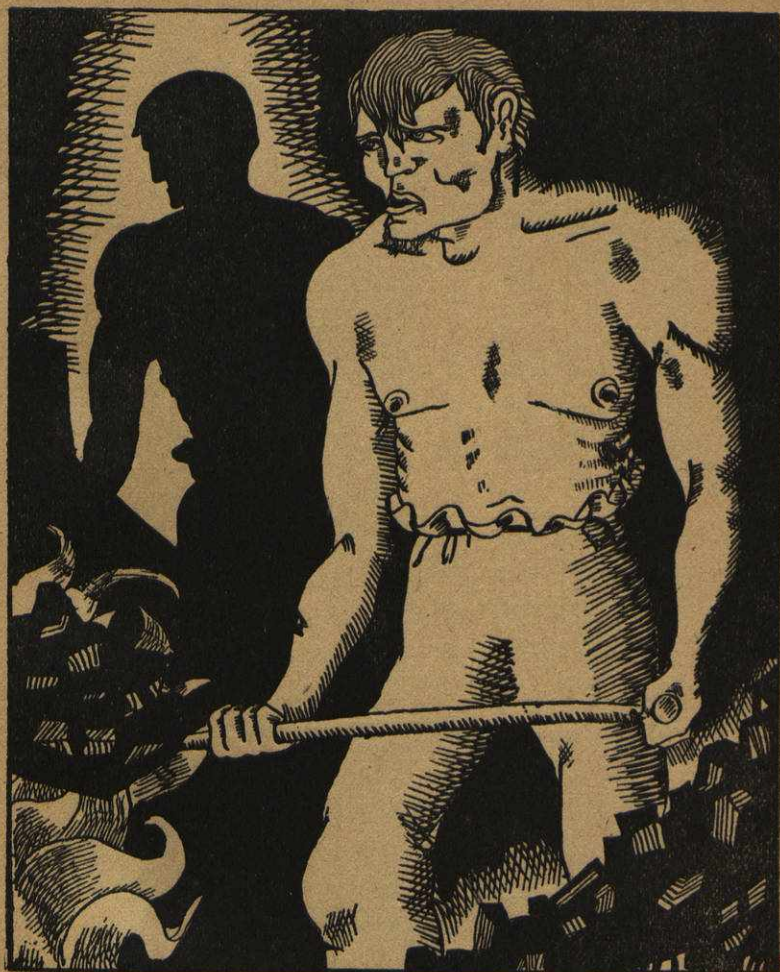
E só as esposas, em seus humildes lares, se estarrecem quando ouvem passos lestos na rua, quando vêem alguém a correr. Supõem sempre que lhe trazem a noticia duma catástrofe irremediável — um andaime que se abateu e um corpo que se veio estatelar cá em baixo, sôbre os paralelepipedos...

Êles, porém, lá andam tranquilos, quasi despreocupados, com a atenção volvida para o trabalho: os pedreiros, de pá na mão, enchendo de argamassa as fendas das pedras, num gesto de colher empenhada em fazer transbordar de

## A EPOPEIA DO TRABALHO

açúcar uma chávena vazia; os carpinteiros martelando sempre lá para cima, sôbre vigas e ripas, denunciando à rua a existencia ali dos construtores; os serventes subindo e levando à cabeça, como uma paleta, como uma bandeja, a tábua do barro....

E quando enfim os construtores atingem o fulcro do edificio, festivos, alegres, como quem hà içado uma bandeira no próprio firmamento, êles engalanam a nova construção e os seus foguetes, como um prenúncio de vitória, quebram a suave quietude da tarde.



# OS FOGUEIROS

Shi



## OS FOGUEIROS

...**E** junto das enormes fornalhas, de bocarra escancarada, os fogueiros dir-se-hão prestes a imolar-se também entre o brazido crepitante.

Estão negros, quâsi nus, esfiapada a veste que lhe envolve parte do corpo hercúleo e em seu rosto, a poalha do carvão, empastada e sulcada pelo suor, dá-lhes uma caracterização satânica de palhaço que já não ri — de palhaço que vive apenas horas estarecidas, momentos de tragédia.

Envolve-os uma luz vermelha, luz de inferno e pesadelo — e êles parecem assim personagens de «Grande Guignol».

E a fornálha, insaciável, faminta sempre, exige-lhes de instante a instante novos movimen-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

tos ao dorso, e os fogueiros, ao levar a pá cheia de carvão até às fauces do monstro esbraseado, executam o mesmo gesto dos coveiros ao fecharem as sepulturas.

Dir-se há que os fogueiros estão condenados a um suplicio eterno, mitológico—dir-se há que estão sempre fundidos numa noite eterna, onde só existe, acesa, a bôca sinistra dum dragão.

Expatriados do sol, êles alimentam a fornalha no ventre dos navios como se alimentassem um vulcão nas entranhas da terra; êles são as verdadeiras sentinelas do Fogo — do fogo sagrado que não podem deixar apagar-se.

E quando há uma pausa em sua tarefa fabulosa e êles se fundem na água, libertando o corpo dos resíduos do carvão, a sua epiderme surge crestada, amorenada e os seus olhos estão incertos, tímidos perante a luz solar, como os dessas raças que só vêem de noite.

Há um contraste doloroso, que em minhas viagens muitas vezes assinaliei, entre êsses homens que lá em baixo, no coração dos vapores, vão alimentando as fornalhas incandescentes,



## A EPOPEIA DO TRABALHO

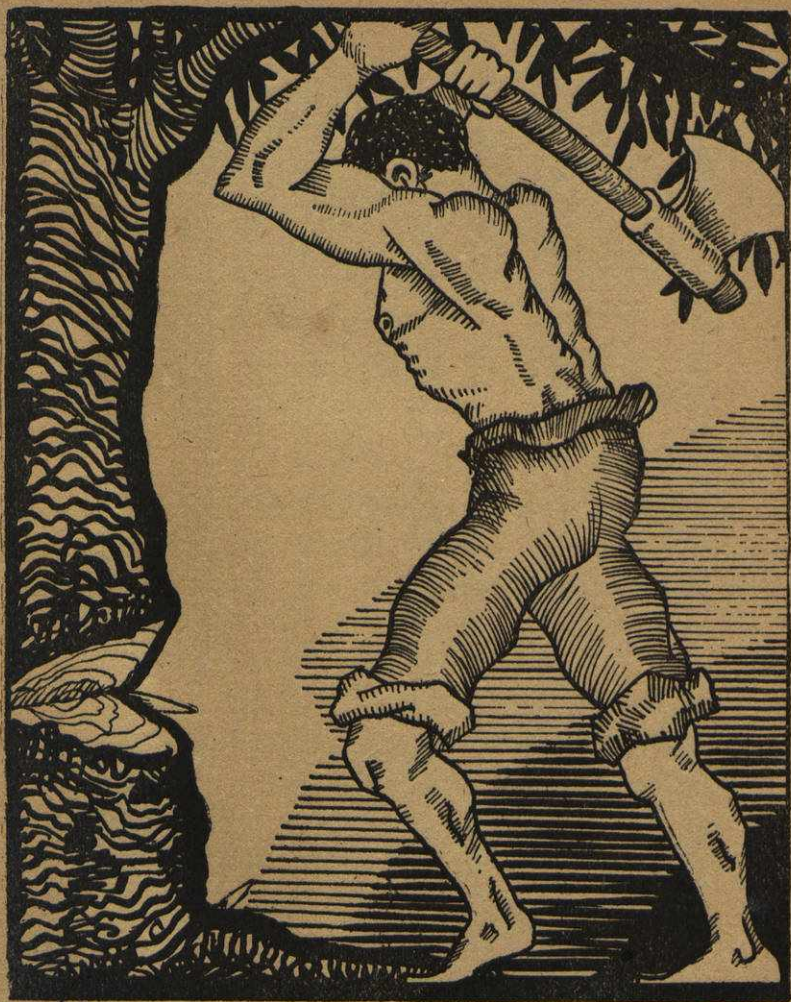
---

---

satanizados pelo resplendor do fogo, sujos, suados, exaustos, enquanto no convés, sob a carícia das brisas marinhas, outros homens se entendiam ou trocam com as passageiras formosas as setas do *flirt*, nos luxuosos salões da primeira classe.

Ao observar isso, a minha alma entristecia-se e entristece-se ainda, por odiar esses sacrifícios que a vida exige, por saber que para uns viverem em conforto é necessário o sacrifício de muitos outros.





NOBRE

1925

# OS LENHADORES

Shi



## OS LENHADORES

... **E** no centro das florestas, nas encostas ensombradas, entre os pinheirais sussurrantes, o machado dos lenhadores vai ferindo o tronco das velhas árvores — impiedosamente, vigorosamente.

E o seu ruído sacrilego, pausado e destruidor, vai ecoando até ao vale, até aos vergéis floridos, perturbando o silêncio da natureza em êxtase.

E as árvores tombam num fragôr abafado, numa dôr surda, abrindo na floresta mais uma janela para o sol se debruçar e levando também para a morte, como uma recordação, os galhos fraternos, os ramos das árvores vizinhas,

## A EPOPEIA DO TRABALHO

que até ali se entrelaçavam e confienciavam mutuamente, os seus segredos.

E então, quando já exâmine o tronco da árvore decepada se estende ao longo da terra, o lenhador intensifica o seu esforço, e seu corpo ora se arqueia ou se apruma, num ritmo sempre igual de energia, num movimento sempre euritmico de fôrça.

E os golpes do seu machado soam cada vez mais fortes, lacerando a árvore morta, a árvore cujo sacrifício a vida do homem exige.

E dessa cerimónia é o lenhador o sacerdote, aquele que vai recobrar a luz, conquistar o fogo que há-de crepitar em casa, sôbre a velha lareira familiar, nas noites de invernia.

E sob o seu machado, as árvores mortas, mas sangrentas ainda, deixam-se retalhar e na sua muda angústia só têm a causticar-lhes as feridas, cada vez mais fundas, essas gotas de ácido que se desprendem da fronte do lenhador e que são as perolas do suor. E instintivamente o lenhador sente-se como um magarefe da natureza e a sua alma, ante a árvore que um dia deu

sombra e que pelas tardes, sob a carícia das brisas, cantava na floresta uma doce melodia, encrespa-se de amargura e penumbra-se de tristeza. E talvez êle hesite em despedir novos golpes com seu machado assassino.

Mas logo compreenderá que a vida é uma senda interminável de dôr, um patíbulo que exige constantes holocaustos e então, sentindo-se também sacrificado, vítima também dum incognoscível destino, êle continuará seu sacrifício, seu trabalho doloroso, quasi ignorado, quasi desconhecido — e talvez sobre a árvore morta, que encherá o lar de calor, êle derrame com as gotas do seu suor a perola duma lágrima.









# OS ESCULTORES



## OS ESCULTORES

**D**AR alma à pedra, fazendo-a vibrar, povoando-a de linhas harmoniosas, de eutritmia inegalável...

Abrir nos mármore, que hão-de desafiar a Eternidade, sulcos de vida, rastros de paixões, convulsionismos de dôr e de tragédia...

Comunicar a chama dos sentimentos humanos á matéria adusta e beijada pelo génio polar...

Criar novos idolos de Beleza...

Encarcerar o sonho do Homem, não para deprimí-lo, mas para perpetuá-lo...

Fixar o segrêdo do êtase e a profunda serenidade das coisas eternas...

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

Dar eloquência à própria mudez, nesses velhos parques onde as estátuas mantêm colóquios enigmáticos...

Desvendar, por oculto dinamismo, o encanto do movimento e a graciosidade das curvas que nos sugerem mundos de quebranto e volúpia...

Lacerar as mãos, como num rito bárbaro para que o sangue floresça em Beleza inestinguível...

Modelar os cinco sentidos e o cortejo interminável dos estados d'alma...

Escrever na pedra o drama da Vida e a grande Epopeia da Morte...

...Esta é a missão do escultor, desde Fídias a Miguel Angelo, desde Miguel Angelo a Rodin.

Ou burilando, de cinzel em punho, o mármore tôsko, ou moldando, com mãos fremen-tes, o barro submisso, o escultor parece um mago, um novo deus, comunicando vida e sonho à materia informe.

E a sua arte, mais do que qualquer outra, dir-se

## A EPOPEIA DO TRABALHO

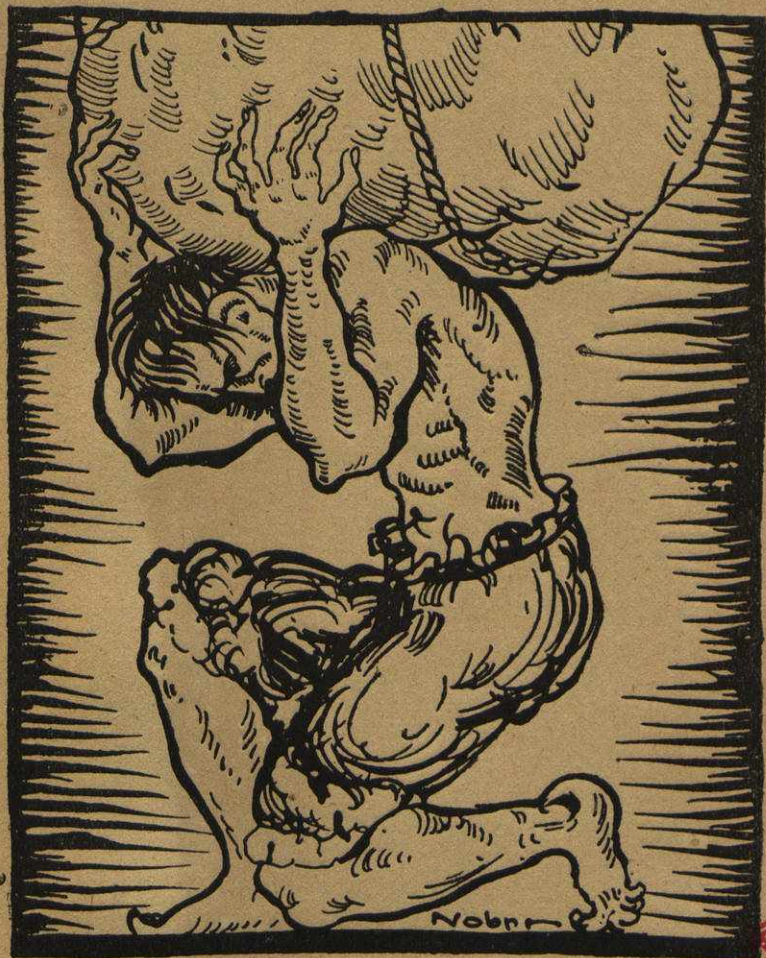
há eleita para ocupar as peanhas de todos os séculos, para os ver passar, imutavelmente.

E' uma arte que parece brotada dum longo combate, duma luta sigilosa entre a inquietude do espirito e a impassibilidade da matéria. Uma Arte que absolve o mito de deus, do crime de ter criado o homem, pela imperecível beleza em que ao homem ela envolve.

Eternamente insatisfeitas, as mãos do escultor, como se estivessem animadas por mágico condão, eliminam as deformidades da vida, transformando-as em linhas plásticas e dando-lhes formas imortais.

E a própria Fealdade chega a ser bela sob êsse sortilego poder. E a pedra fala, a pedra anima-se, adquire uma alma, que irá cantar do o poema da sua dôr ou do seu enlevo através de todos os tempos.





# OS CARREGADORES





## OS CARREGADORES

**S**ÃO os carregadores como uns titans e, quando vistos no cais, nos portos onde ancoram os grandes transatlânticos, parecem brotados do próprio mar e os seus músculos distendem-se nessa fôrça adusta que devia ter o mitológico Adamastor.

E ali, quando não volvidos para os guindastes modernos, possantes e imponentes, dir-se-há que êles transportam o mundo, nesse aspecto das gravuras alegóricas do Atlas, ao conduzirem os grandes fardos e as caixas que têm algarismos e letras misteriosas, desde o cais para os armazens alfandegários ou dêstes para êsses *camions* negros que fazem estremecer os prédios e caí-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

rem das *consoles* os objectos delicados, quando passam pelas ruas.

E ainda ali, nos portos rumorosos, os carregadores parecem ligar uns aos outros todos os continentes, através do esforço industrial que está representado nessas caixas e nesses fardos que contêm os mais raros produtos, todos êles filhos do trabalho e do sacrifício humano.

E movem e voltam e suspendem êsses pesados volumes, com a aparente facilidade de quem passa dum braço a outro uma criança de poucos meses, que teve por berço o porão daqueles grandes navios fundeados junto ao cais e cuja prôa há cortado já, como uma lâmina, a epiderme verde e enrugada de todos os mares.

E nenhum dêsses volumes, por maior que seja, atemoriza aos carregadores, e quando são colocados sôbre êsses carrinhos tam comuns nos armazens alfandegários e que parecem uma maca com rodas, dão a sensação de quem faz tombar uma criança nesses outros carros cheios

de rendas e roupas brancas em que as amas passeiam os recém-nascidos pelos jardins públicos...

E ha sempre em todos os seus gestos bruscos uma ternura e uma infantilidade ocultas, que só se pressentem contemplando-os demoradamente.

E o seu próprio vocabulário, tam pobre, tam áspero e tam rústico, é constantemente pautado por essa ingenuidade que cria a meiguice dos simples.

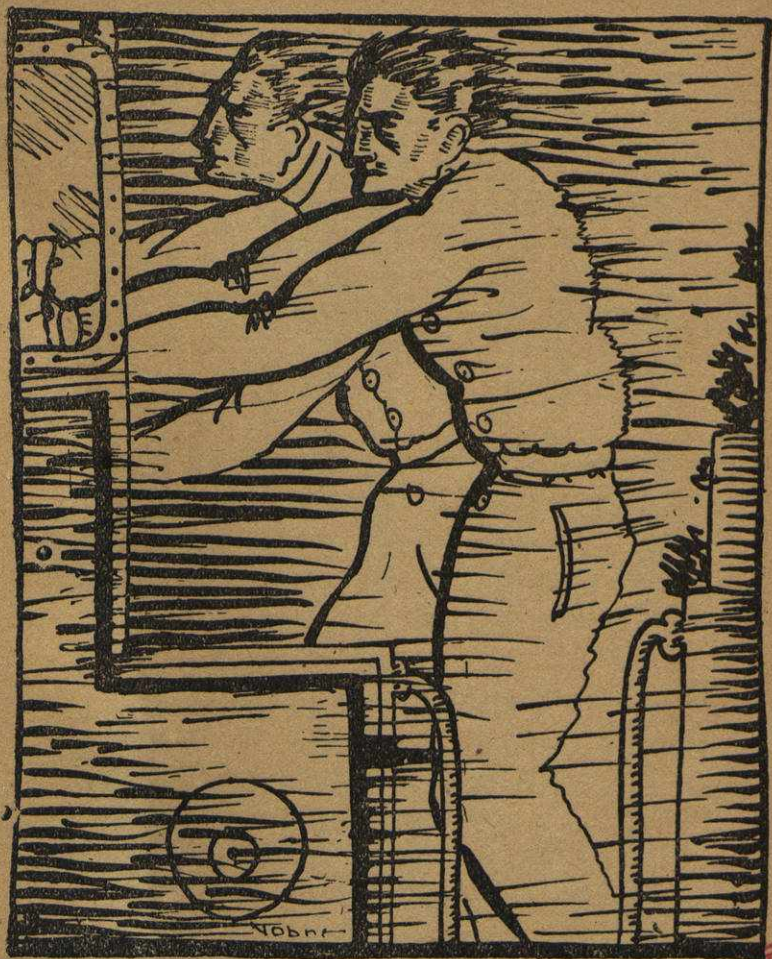
E são sempre, nos cais ou nas ruas, em tôda o parte onde há um pêso a erguer, algo como êsses atletas que se fazem aplaudir nos circos, suspendendo alteres — alteres muito mais leves do que êsses fardos que êles transportam para conquistar o pão, sem aplauso de ninguém.

São como os gigantes que povoam a Fábula e que deslumbram as imaginações infantis — e todavia o seu trabalho é anónimo e nenhum figura como heroi, como personagem principal, nas peanhas da Literatura.

São personagens anónimos, absolutamente anónimos e fazem parte daqueles que ainda não

## A EPOPEIA DO TRABALHO

encontraram biógrafo — e anónimamente êles passam na cidade, vergados sob o pêso de seus volumes ou sob o fardo da vida, que é o mais pesado de todos. E a-pesar-da sua profissão se dividir em vários ramos e ser conhecida por várias designações, anónimos êles se recolherão ao túmulo, depois do seu longo e ignorado esforço, do seu formidável e exaustivo trabalho.



# OS MAQUINISTAS



## OS MAQUINISTAS

**A** veste enodada, o cabelo desgrenhado, o olhar brilhando no rosto enegrecido, lestos os braços no movimento das alavancas, o maquinista tem nas suas mãos, na sua competencia profissional, a tranquillidade de todos os que viajam.

E tão grande é a nossa certêsa na sua competencia, que não pensamos sequer, ao subir para um comboio, que a viagem se fáz sob a responsabilidade desse homem — e a ele entregamos a nossa vida convencidos de que a defenderá, em todos os perigos, em todos os tranzes, mesmo quando tenha de arriscar a sua.

Quasi ninguem o conhece, nenhum passageiro

## A EPOPEIA DO TRABALHO

tenta conhecê-lo — ele é para os que viajam como um ser mecânico, como uma peça mais do comboio.

E contudo, que de sacrifícios, ali, junto da fornalha crepitante e da caldeira a suar fogo, ali onde o pó do caminho, desvairado pela vertigem da locomotiva, se vem juntar aos detritos negros do carvão, até formar essa pasta oleosa que ha-de revestir a epiderme do maquinista!

Que de sacrifícios, ali, nas noites de tempestade, em que o comboio é uma série de janelas iluminadas e errantes e em que os olhos do maquinista, para assinalar qualquer obstáculo que os elementos em furia hajam atirado para a linha, têm de suplantar em agudeza a propria pupila vermelha que a locomotiva leva á frente!

E nos dias ardentes de verão, em que os comboios transportam para os mais longínquos rincões aqueles que vão repousar, aqueles que procuram sombra e frescura entre as arvores sussurrantes ou suave brisa na orla dourada do



## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

mar, o maquinista sofre o suplicio do fogo:— queima-o o sol estial, queimam-o as chapas de ferro que ele pisa, as alavancas que ele maneja; queimam-o a caldeira e a fornalha e queima-o o proprio ar que ele respira, ar que dir-se-ha feito de chamas nomadas e invisiveis.

E a velocidade do comboio não consegue mais do que aumentar esse suplicio!

E nos dias de inverno, a chuva vem bater com violencia no parapeito mecanico, e depois de caldeada com o pó do carvão, transforma-se em gotas negras — gotas que saltam a humedecer, a enegrecer, o corpo do maquinista. A chuva é ali uma interminavel floresta de laminas esfumadas e obliquás, tentando trespassar a propria velocidade...

Podem os passageiros esgotar durante a viagem as taças da alegria ou os calices do tédio, podem entregar-se ao *flirt* ou á leitura, preocuparem-se com a paisagem ou gosar o conforto desses compartimentos espelhados e estofados dos grandes expressos, podem descansar nos leitos fofos e luxuosos ou entre-

## A EPOPEIA DO TRABALHO

gar-se aos prazeres culinarios no *restaurant* do comboio, podem de todas as maneiras ludibriar o tempo e exilar a atenção, que a velar-lhes a vida, alheio a toda a comodidade, estará o maquinista — sempre sacrificado e sempre atento.

E lá irá, entre bosques e planicies, entre barreiras e precipícios, margeando vales floridos e montanhas escalavradas, a gritar o progresso com a sirene da sua locomotiva — a despertar a terra em extase com o estrepito da sua maquina possante.

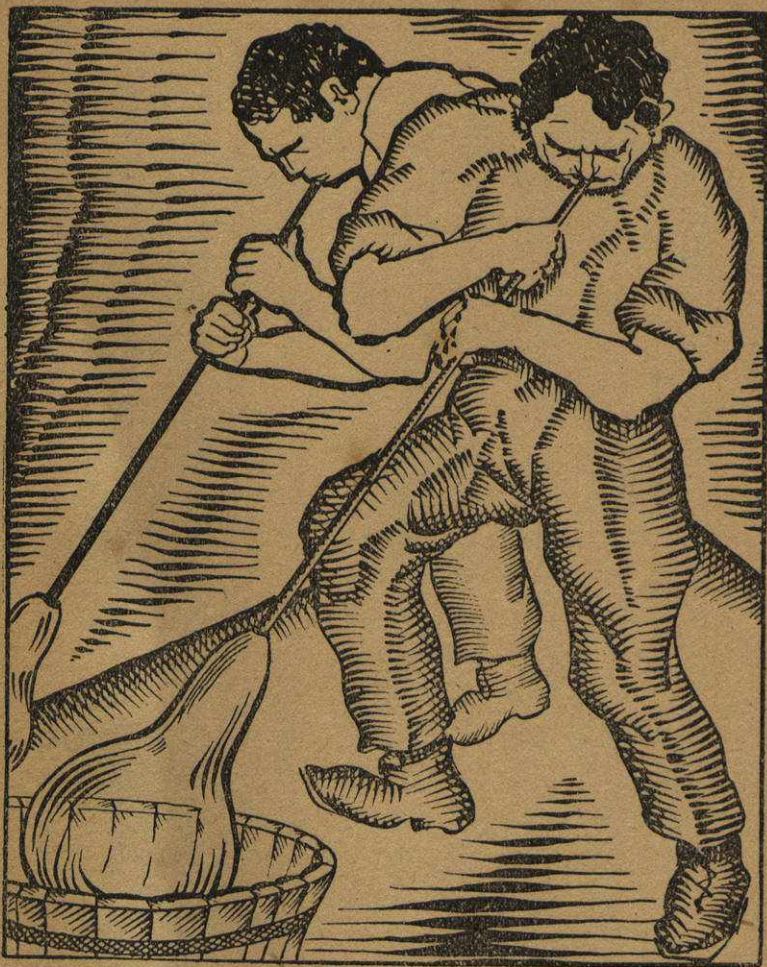
E a sua vida é anonima, anonimo o seu sacrificio, as tubas do heroismo não lhe cantam a profissão, e no seu olhar não fulge nenhum orgulho quando, chegado o comboio á estação, os que viajaram passam por ele — por ele que quasi se oculta, como se se envergonhasse da sua veste enodoada e do seu rosto negro, que assinalam o triunfo da mecanica.

E todavia sempre que alguma imprevidencia ligeira ou algum obstaculo imprevisto, provocam essas grandes catastrofes, em que os comboios

## A EPOPEIA DO TRABALHO

se reduzem a um sinistro montão de escombros, dos quais saem, a estarrecer todas as almas, panicos gritos, o maquinista é sempre o primeiro a sacrificar a sua vida — a oferecer o seu corpo á morte.





# OS VIDREIROS



## O S V I D R E I R O S

**Q**UEM já pensou nos sacrifícios que representam esses cristais que rebrilham e adquirem miríades de irisações sob a luz festiva dos banquetes e esses vasos, delicados como escrínios, que guardam preciosas bebidas?

Quem já pensou no sacrifício donde brotaram essas duas taças onde o *champagne* fosforece e que na cúmplice solidão dum gabinete se erguem e tocam, no magnífico ritual que procede o contacto de duas bocas sofregas de beijos?

E nesses frascos, de caprichosas formas, que encerram enebriantes perfumes — essências que são a alma de jardins em flôr?

E nesses outros que escondem as fórmulas da Medicina e para os quais os enfermos olham

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

confiantes, como se esperassem ver deles sair essa espada que não só deve decapitar a doença como também a própria morte?

E quem, nos dias chuvosos, monotonos e longos, se recolheu tanto em si mesmo que recordou, para atenuar a irritação causada pela invernia, os humildes obreiros que num ignorado suplicio fabricaram a muralha transparente da vidraça, na qual a chuva se cança de bater palmas sem conseguir entrar?

E que gentil cabeça feminina, ao enlevar-se ante a sua própria belesa, que os espelhos refletem passivamente, viu surgir, ao lado da sua, a imagem esqualida, definhada, desses homens que na penumbra duma fabrica se entregam á preparação do vidro?

Do trabalho dos vidreiros, complexo e martirizante, só está na ideia e nas pupilas da maioria, por ser o mais grafico, o da soflagem. E a quasi todos parece até uma atitude infantil essa do homem que tem chegada aos labios uma cana e na extremidade desta um globo — como se tentasse fazer essas bolas de sabão



## A EPOPEIA DO TRABALHO

que elevam para o espaço, multicolorizadas pelos raios do sol, as belas utopias dos nossos primeiros anos. Todavia, que enorme martirio é esse, ali, sob grandes temperaturas e junto dos fornos em combustão; que grande martirio exige essa atitude pueril que exaure os pulmões, tuberculisando-os, fazendo do corpo do vidreiro um farrapo impressionante e tornando-o quasi tão diafano como o vidro em que ele trabalha!

Mas outros esforços, diversos e penosos, exige a industria do vidro; esforços nas varias zonas que a materia atravessa até se transformar, gradualmente, em vasos e placas de maravilhosa transparencia.

Desde a fusão nesses fornos que parecem retirados do mítologico dominio de Satanaz, á modelagem e acabamento, tantas vezes feito com requintes de delicadesa; desde a produção comum, vulgar, a essa que exige variantes, como a foscagem, esmerilhção e platinagem, que longa e variavel serie de aspectos oferece a profissão do vidreiro, até concluir nos vidros raros, nos vidros artisticos: vidro opala, vidro colorido,

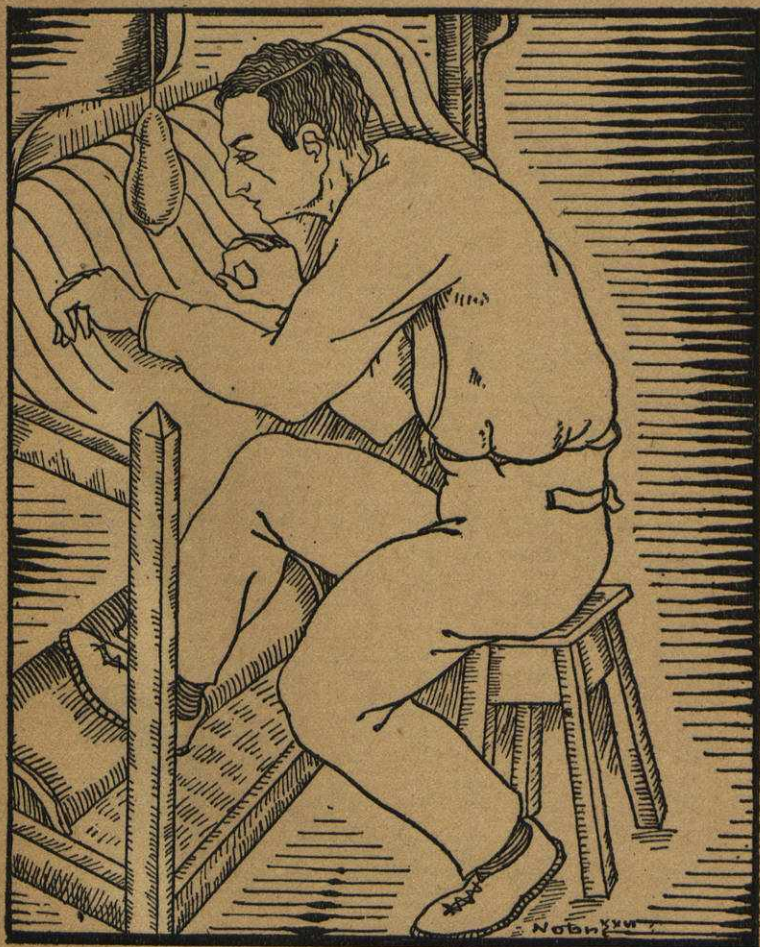
## A EPOPEIA DO TRABALHO

vidro com desenhos, vidro em filigrana e algodão de vidro; pedras preciosas artificiaes — riqueza de quem não tem mais do que sonho, quimeras cristalisadas, bosques de deslumbrantes refulgencias!

Mas quanto sacrificio, quanto!

Quem nessa industria não constatou ainda que as sepulturas se abrem prematuramente para a maioria dos vidreiros, abrem-se quando eles medeiam apenas a vida normal — os anos que vivem quasi todos os outros homens?

Ah! Amanhã, quando a inteligencia triunfar plenamente, quando o trabalho manual não tiver uma chancela de suplicio, quando a maquina em toda a parte substitua o braço nos rudes esforços, quando as isoladas conquistas de hoje se ampliem a todas as galerias da vida, não se poderá recordar profissões como a dos vidreiros sem se pensar que a maioria dos sacrificados, dos martires, não teve canonificação!



# OS TECELÕES



# O S T E C E L Õ E S

**O**H, mãos ingénuas, simples e rústicas, que titilavam os remotos teares e que por extranho paradoxo dir-se iam detentoras dum poderoso sortilégio! Mãos das quais brotavam, como por singular magia, tecidos policromos, que deviam engalanar corpos humildes do povo e orgulhosos corpos da aristocracia.

Mãos pobres, sacrificadas, mãos de velhos em que o arado do tempo abriu rugas, e mãos jovens, adolescentes mãos femininas e quem cantou a vossa ignorada odisseia com a ternura e o lirismo que ela inspira?

E qual de vós, tecedeiras humildes, flores agonizando na sombra de vetustas fabricas, se vestiu e emoldurou um dia a beleza das formas

## A EPOPEIA DO TRABALHO

---

---

com esses tecidos preciosos que dir-se não feitos, como os mitológicos mantos, de raios de luar?

E qual de vós, obscuros tecelões, em cuja epiderme parece haver passado, fazendo sulcos, todas as linhas dos teares, teve já no lar, nas noites de invernada, tanta roupa que o frio se sentisse invalidado?

Quem de vós, ao sair da fábrica, nesses luscos-fuscos de Dezembro em que a terra é lugubre e as árvores são fantasmas congelados, não teve, por falta de capote, de suspender a gola do casaco, enquanto lá dentro ficam, dobradas, léguas e léguas de tecidos?

E em quantos guarda-roupas de seres parasitários, que vivem do ouro conquistado pelo sangue alheio, não se escondem e não são pasto das traças, vestes que chegavam para agasalhar todas essas crianças que se definham nas ruas escusas!

Os tecelões... Antiga tragédia... Pacientes, atentos, com esse olhar do homem que procura enquadrar milhares de simultâneos movimentos,

## A EPOPEIA DO TRABALHO

êles iam, nos remotos teares, que eram altos como um leito com docel, esgotando a sua vida — vida mais triste que a duma aranha, preparando infatigavelmente a sua teia, na solidão duma cave escura.

E a envelhecer ficavam as tecedeiras que um dia foram novas e gentis, e tão velhas se tornavam que os espíritos ligeiros chegavam a duvidar que esses corpos fanados houvessem tido juventude. Envelheceram ali, modestas, resignadas, vendo os fios entrelaçarem-se nervosamente e logo surgirem em garridos tecidos — e rodarem depois, rodarem em tal continuidade de côm que até pareciam desgastar os próprios olhos que os contemplavam! Envelheceram silenciosamente, entre o estrépito constante do tear, que ia tecendo o vestuário de outras mulheres mais ditosas do que elas — mulheres para quem a vida se abre como a corola perfumada e sedutora duma rosa.

E hoje, que o génio mecânico eliminou muitos esforços exaustivos, tornando-os inúteis, os tecelões e as tecedeiras continuam, menos ingé-

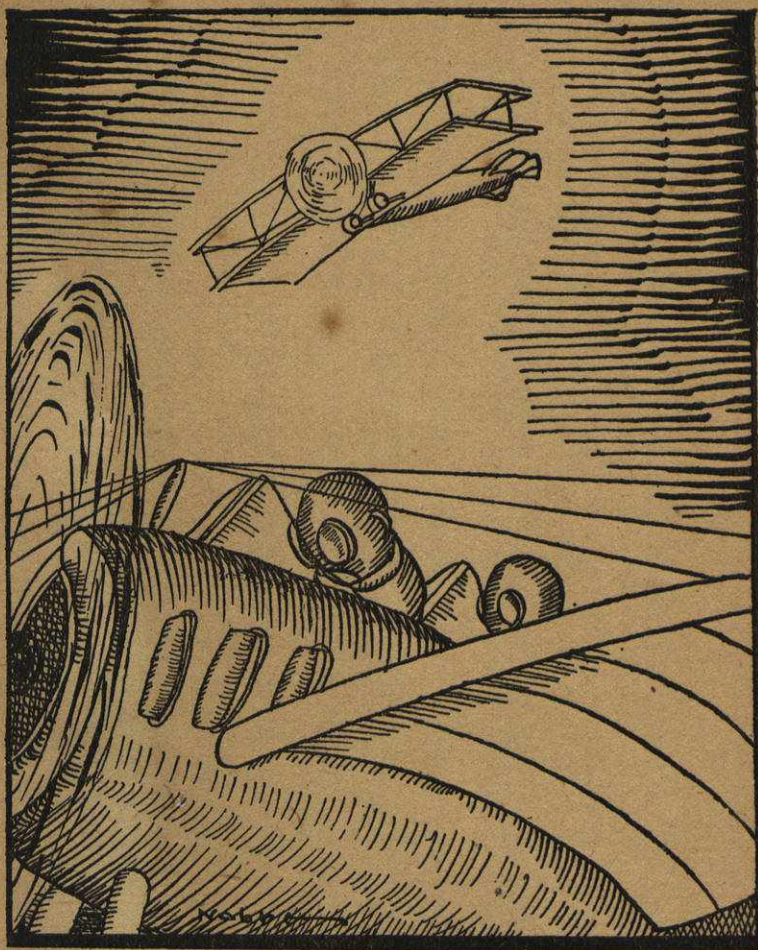
## A EPOPEIA DO TRABALHO

nuos, menos simples, mas não menos pacientes e atentos, a rota do seu desconhecido sacrificio — fabricando, muitas vezes com frio!, nos teares que a electricidade movimenta, êsses tecidos que hão de agazalhar os outros homens e servir para alguns de esplendôr, de faustosidade.

Tecedeira de formas gentis, caprichosas, que no deslumbramento augusto da manhã nascente, entras na fabrica com passo de alvéloa, quantas vezes te interrogarás sôbre a diferença que há entre o corpo que ostenta suntuosos tecidos e o teu que essas suntuosidades tece!

E onde está, gentil tecedeira de mãos esguias e delicadas, o *zaimph*, tecido com raios de luar, que deve envolver o teu corpo nupcial?





# OS AVIADORES





## OS AVIADORES

UMA noite o homem olhou as estrelas e viu que elas estavam longe — demasiado longe para se poder admirar toda a sua fulgurante beleza...

Contemplou o sol e sentiu que a oftalmia que este lhe causava, visto da terra, transformar-se ia em radiosi-lades fantásticas, em deslumbrantes aureolas, em magníficentès esplendores, se fosse visto de perto...

Prescrutou o universo, e ante o infinito, povoado de interrogações, compreendeu que cada astro era um diadema tombado da cabeça dos deuses mortos, que devia coroar a inteligência humana...

Seguiu pensativamente o vôo lento das aves, em rota para horizontes de mistério e então

## A EPOPEIA DO TRABALHO

verificou que o seu desejo de ir mais para além do que os olhos viam, estaria consumado logo que conquistasse umas azas...

E essas azas, que deviam cortar, altivas e imponentes, a quietude do firmamento, foram aneladas intensamente pelo Homem.

E nêsse momento o mitológico sonho de Icaro transformou-se em possibilidade...

E o Homem lutou e a sua inteligência teve vibrações subtis e o seu génio, inquieto, penetrante, infatigável, adejou sôbre os complexos problemas da física, até dêles sair vencedôr.

E nêsse instante a hipótese metamorfoseou-se em realidade — e o homem teve umas azas. Belas azas, de estrépitos mecânicos, que traçaram inéditos caminhos sob os céus já sem idolos. Azas de epopeia que em vôos de heroísmo cantam sôbre a terra, definitivamente conquistada, o triunfo da inteligência humana!

E nos altos píncaros onde pousam as aguias e os condores, essas azas despertaram uma nova legião de herois. Não dêsses que ficaram perpetuados por uma espada, sinistra e ensanguentada,

## A EPOPEIA DO TRABALHO

mas sim daqueles que dignificam o seu semelhante, volvidos para a Ciência e para o Progresso!

Heróis que se despojarão de suas galas triunfais quando o exaltado arrojo de hoje fôr substituído pela serenidade profissional, que dará o aperfeiçoamento e desenvolvimento da aviação.

Os aviadores são agora a homenagem que fazemos, mais perto dos astros, mais próximo das estrelas, ao Futuro — ao Futuro para onde se volvem, em bandos inquietos, as pombas verdes de tôdas as nossas esperanças!

E' ante a aviação que pressentimos êsse Amanhã em que o mundo, com a Humanidade já libertada, ha-de vibrar intensamente, sob novas ideas e novas conquistas, êsse mundo de amôr, de paz e de inteligência, sofrego de vida e de progresso — gigantesca piramide, irradiando no universo a sua civilização, que nós adivinhamos, profetizamos e amamos, porque êla teve seus alicerces nas nossas almas, crentes só no que é vindouro.

O caminho do céu, que nos deixou o passa-

# A EPOPEIA DO TRABALHO

do, ligava-nos aos deuses inúteis e vingativos; o caminho que nós deixamos ao Futuro ligará entre si os povos, já fraternizados.

E esse será o melhor legado que fazemos. Esse e o nosso anseio de Liberdade, que as azas sempre simbolisaram. Quando de sobre o dorso dos seculos vindouros um olhar subtil se volver para remotas perspectivas, queremos que ele encontre ali, bem gravada, a afirmação de que não pactuamos com a ideologia negra do passado, que ainda revive, e com os que venderam, exploraram e escravisaram o seu semelhante. Queremos que fique a nossa certeza de que a Humanidade encontrará para si, o mesmo ritmo, a mesma harmonia do Universo — sem restrições, sem formulas, sem algemas. Livre, completamente livre! Livre como umas asas sob a luz gloriosa do sol.

L I S B O A  
S E C U L O X X

53466



# I N D I C E

---

---

O TRABALHO ( <i>PREFÁCIO</i> )..	5
OS PESCADORES ... ..	13
OS CAVADORES... ..	19
OS MINEIROS... ..	25
OS SÁBIOS... ..	31
OS FERREIROS ... ..	37
AS COSTUREIRAS ... ..	43
OS CABOUQUEIROS ... ..	49
OS FUNDIDORES ... ..	55
OS TIPÓGRAFOS ... ..	61
OS ESCRITORES... ..	69
OS CEIFEIROS ... ..	75
AS DACTILÓGRAFAS ... ..	81
OS CONSTRUTORES ... ..	87
OS FOGUEIROS ... ..	93
OS LENHADORES ... ..	99
OS ESCULTORES ... ..	105
OS CARREGADORES ... ..	111
OS MAQUINISTAS ... ..	117
OS VIDREIROS ... ..	125
OS TECELÕES ... ..	131
OS AVIADORES ... ..	137





A EPOPEIA DO TRABALHO IMPRI-  
MIU-SE NA IMPRENSA BELESA, EM  
LISBOA, NO ANO 26 DO SECULO 20,  
QUANDO A SCIÊNCIA E O PROGRES-  
SO INICIAVAM A LIBERTAÇÃO DA  
HUMANIDADE.

P. Carlin  
Cat. 45

579/9

OK 11/07/20





LIVRARIA RENASCENÇA  
JOAQUIM CARDOSO  
27, RUA DOS POIAIS  
DE S. BENTO, 29—LISBOA

